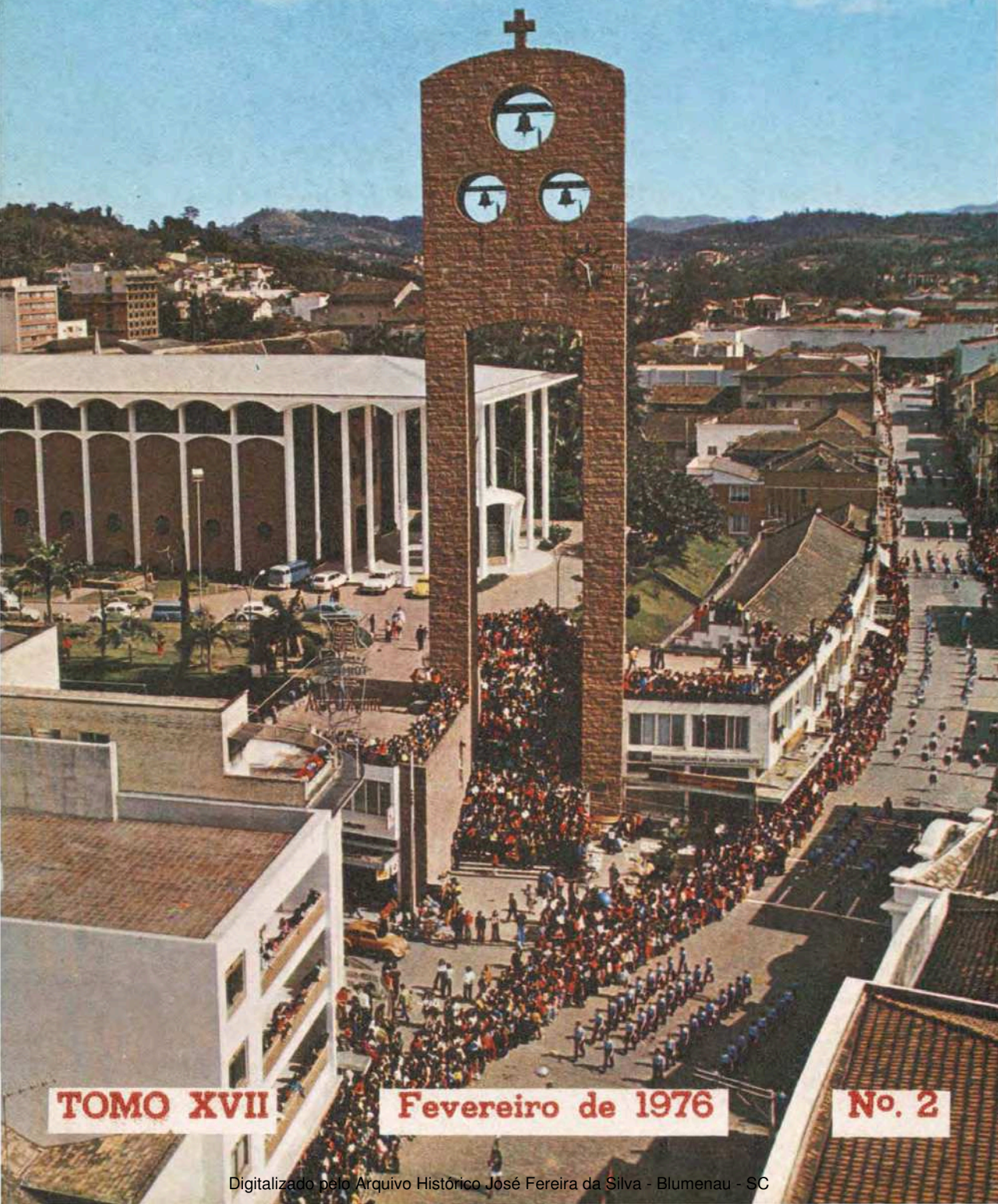


Blumenau em Cadernos



TOMO XVII

Fevereiro de 1976

No. 2

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau

Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau

Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau

Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau

Artur Fouquet - Blumenau

Georg Traeger - Blumenau

Electro Aço Altona S/A. - Blumenau

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kuehnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque

Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau

Malharia Blumenau S/A. - Blumenau

Consulado Alemão - Blumenau

Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau

Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau

Blumenau

em Cadernos

TOMO XVII

FEVEREIRO DE 1976

Nº. 2

HERANÇAS DO FOLK-LORE UNIVERSAL EM SANTA CATARINA

A. SEIXAS NETTO

- I -

Há dois animais que, estranhamente, participam, como figuras centrais, na Tradição de todos os povos da Terra; portanto, são figuras universais, provindas de tradições perdidas no Tempo - calendário: O Boi e a Serpente. Estes seres - animais parecem, simbolicamente, compor os extremos duma notabilíssima dualidade. O Bem e o Mal, como expressões do comportamento psico-ético-social humano. Os povos muito antigos, deixaram, por transmissão oral, a cada sequência distorcida, informes claros de que o ser mais feroz, depredador, e de ações inusitadamente estranhas, era o Homem; e deixaram, também, o informe de que estes comportamentos poderiam ser moderados nos limites pedagógicos da Simbologia com a sua respeitante legenda edificante. E Simbologia com sua legenda edificante geraram ou compuseram o primeiro sentimento de Culto restritivo.

Mas separemos os assuntos, e, de início, fiquemos no culto ao Boi. Seria muito longa, e repleta de informações notáveis, a lista dos cultos, e respectivas legendas edificantes ao Boi. Mas, de modo rápido, anotemos os mais importantes, pela universalidade: O Boi Ápis, egípcio, e o Boi Minos, cretense-heleno. O Boi Ápis era a máxima deidade agrária do Egito histórico; e cultuado como grande protetor. A sua participação ativa na economia da terra o fazia coadjuvante íntimo da coletividade humana. Da sua força e paciência surgiam arados e férteis à plantações as lamas de humus desparamadas pelas enchentes do Nilo e ressecadas ao Sol equatorial. O Minotauro era, para cretenses e helenos, à sua vez, um deus de poder e de mistérios, um propiciador do

heroísmo. A história completa desses dois cultos não foi, até hoje, estudada seriamente e sob elas ainda se ocultam verdades notáveis. Mas, sem embargo disto, o culto do Boi se universalizou. Levados aos Zodiacos, — o Minotauro ao Zodíaco Helênico-Mesopotâmico e o Ápis ao Egípcio —, firmaram mais profundamente seus mistérios porque, como deidades celestiais, poderiam ser vistos ao Céu noturno em geometrização estelar. (Em nosso livro AS CONSTELAÇÕES, há história completa de cada uma dessas disposições celestes). Mas, o culto ao Boi se tornou, em nosso tempo, culto e sacrifício, ou seja sacrifício de elemento próprio para aplacar o elemento figurativo ou deus. (Isto, em verdade, acontece com todos os símbolos). E, como parece, cada símbolo geral é composto de sub-signos, os cornos de bois se tornaram os símbolos da potência como poder e da força como potência; daí os capacetes euroasiáticos assim ornados bem como os cocares índios e afros.

Vamos, porém, para não alongar, às origens mais próximas do culto popular ao *Boi-Mamão*. (Boi-Mamão é o nome certo ao boi-simulacro). O culto ao Ápis foi distorcido pelos árabes-mouros e levado à Espanha em forma de touradas. Mas explica-se: A influência helena do Minotauro, vencido por um herói argonauta, tomou o culto mouro e o boi, na plenitude da violência como touro, precisava ser combatido e vencido pelos novos heróis do Labirinto; daí a tourada com a morte final. Há, pois, muito do Panteão heleno sincretizado no culto mouro, distorcendo a origem Ápis. (Esclarece-se que, por semelhante, as arenas romanas não eram um culto específico mas um ritual de destruição onde todo animal feroz era benvindo a destruir vidas humanas, objetivo final.) De Espanha, passou a Portugal, onde, depois da trágica corrida de Touros de Salvaterra, foi proibido por Pombal o seu exercício em terras lusas. Daí passou às Ilhas lusas como touradas simulacro; a seguir, com os açorianos para o litoral sul-brasileiro, principalmente em Santa Catarina, na Ilha, e com os madeirenses para o litoral nordeste. (O boi-simulacro madeirense também veio junto com o artesanato de rendas das ilhas). (1)

Na ilha de Santa Catarina, e depois pelo litoral, o boi-simulacro recebeu, como não poderia ser doutro modo, influências da nova coletividade, novas gentes em nova terra, criando, lenta mas progressivamente, seus costumes. sem perder, contudo, um certo liame histórico do passado, da lembrança ancestral. Deste modo, em seu conteúdo brasileiro, tanto o *bumba meu boi* do nordeste quanto o *Boi-Mamão* catariense, são quase como que criação local: Somente ténue cordão de ancestralidade os ligam à touradas lusas e daí pelas arenas mouriscas de Espanha ao remotíssimo Ápis do Egito. (Não há liame ao Minotauro porque não há no Boi-Mamão o objetivo heróico final: A morte do touro).

O Boi-Mamão tem o toque histórico da tourada lusa, mas tem implícito o culto comunitário agro-pastoril festivo da manutenção da espécie bovina. Eu, de mim para mim, por terem, como costume e uso dos velhos ilhéus, meus ancestrais possuído, o que era comum em tempos passados, em pequena fazendola, bois, vacas de leite, — como se dizia —, e terneiros ou, como era do linguajar bom, sonoro e claro, embora rápido, da ilha, boisinhos-mamões, ou seja terneiros alegres, saltitantes, aris-

cos, um tanto *brabos* (regionalismo local), sempre prontos, nos seus brincquedos, a cornear mais violentamente os intrusos, eu de mim para mim, dizia, vejo na brincadeira *Boi-Mamão* ilhéu mais um ritual de curandeirismo, por seu uso e costume, *folclórico* já, memorado no período post-natalino.

E explico: Os terneirotes ou os *bois-mamão*, até a idade de um ano, são sujeitos a engurgitamentos digestivos, — a passagem do período de leite para o capim dos pastos; que os deixam abichornados, tristes, modorrentos. Ai, então, há um verdadeiro ritual para a cura do boi-sinho. (Hoje, parece que não mais faz-se isto, porque os veterinários dão conta do recado sem tanto barulho). Era chamado um rezador. Vinha o homem. Enquanto rezava, um vaqueiro puxava o terneiro, uns outros pulavam ao derredor para alertar o instinto de combate de animal. E o certo é que o bicho, azucrinado da vida, saía aos pulos, corneando e a *boeira*, como diziam, ao final, passava. Tudo voltava ao normal. E o brincquedo do *Boi-mamão* passou a ser, certamente, um culto geral preventivo, em sua profundidade. (Eu sempre apreciei os cultos, por menores e reduzidos que fossem, como uma realidade sentetizada, oculta nas legendas).

Sendo isto a brincadeira, culto e remédio, do *Boi-mamão*, vejamos os componentes participantes. O *Boi-Mamão* original ilhéu é composto das necessárias figuras: *Terneirote-mamão*, — (mamador ainda, evidente) —; *Vaqueiro*, — geralmente a cavalo para evitar uma levanta violenta do bichinho e conseqüente cornada, — (aliás, disto vem a regra: *Cornada de boi sonso mata*. É que pega o cristão desprevenido). Um comparsa sacudindo um pano à frente do animal para ativar; o *Benzedor*; e uns três ou quatro batuqueiros, fazedores de barulho em latas ou outro material sonoro. E mais os *bashaques*, que sempre aparecem. Com o passar do tempo, o que é muito lógico, adiram uma cabra, que nada tem a ver com o assunto; mas, como sofre do mesmo mal às vezes, ingressou por *litis-consorte* no azar do engurgitamento. E, depois, alguns gaiatos, associando à idéia macabra de *boi-morto urubus a ele*, introduziram um ridículo urubu.

Já ao primeiro quartel do século, com as notícias mais rápidas, cinemas, revistas, figuras esquisitas foram adidas ao ritual original, como a tal *Bernúncia*, que ninguém sabe o que seja em seu nome, mas na figura é imitação do dragão chinês e japonês, trazidos das festas dessas origens de São Paulo.

Depois, outros animais sem notícia e tradição no Brasil como ursos, jacarés; depois, figuras enjambradas à imaginação como um tal *jaraguá* que ninguém sabe o que seja; *maricotas*, ridículas imitações dos carnavais venezianos, influência itálica mal arrumada, por certo. E há danças de *Boi-Mamão* com figuras mais ridículas ainda, sem história, sem tradição, sem passado e até mesmo sem presente porque saídas da mente de pessoas dadas a inovar e destruir verdades universais por ignorância mais que por conhecimento e prazer.

As cantorias que precedem o *boi-morto*, o trabalho do curandeiro, e a posterior, são, quando originais, invocativas de recuperação

do animal, e o finalizar do ato a oferenda ao *Curandeiro* pelo trabalho e a gratificação ao *Vaqueiro* e comparsas. Este o ritual-brincadeira festiva do *Boi-Mamão*, simulacro do boisinho mamador. Embora muita gente possa discordar, o que não vem ao caso, o *abadernamento* do *Boi-Mamão*, provocará, com o correr do tempo, um desconhecimento das origens e a própria anulação do fato folclórico.

E finalizando este capítulo: O nome da dança-ritual folclórico é BOI-MAMÃO. *Boi de mamão*, como dizem geralmente, até as pessoas mais cultas, não passa de corruptela sem sentido e sem conteúdo descritivo do objeto que é a razão de ser de todo o título.

- 1) — Distingo os artesanatos das Ilhas, no respeitante às rendas como: *Rendas Madeirenses* (das Ilhas da Madeira) tendo como instrumental básico o bastidor de madeira quadrado, do nordeste; e Rendas açorianas (das Ilhas dos Açores), com instrumental de almofada, molde e bilros, da Ilha de Santa Catarina.

RETIFICAÇÃO

No artigo "Encerramento do 1º Congresso de História do Vale do Itajaí", publicado na edição de janeiro de 1976 desta revista, foi cometido involuntariamente um pequeno equívoco, pelo qual ora nos desculpamos.

Informamos que a moção nº 9 (nove) também havia sido aprovada pelos congressistas, devendo destarte ser publicada nos Anais do citado conclave. Isso entretanto não ocorreu, por ter sido julgada inadvertida e redundante a proposta, considerando a existência real da "Fundação Casa Dr. Blumenau" e a atividade que esta vem desenvolvendo há anos exatamente com os objetivos indicados naquele documento. Nessas circunstâncias, aquela moção foi rejeitada sensata e justamente para se evitar assim a dispersão de esforços na consecução de propósitos comuns e idênticos.

Procedemos aqui, por isso, à necessária retificação.

— A REDAÇÃO

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 25,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinatura para o exterior, Cr\$ 50,00 anuais

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

O LAR EM BLUMENAU

de Christine Blumenau

Publicado em 1929 no Jornal "Blumenauerzeitung" — Traduzido do alemão

Pequeno era o nosso lar, pequeno e muito modesto, em que o nosso pai levou a nossa mãe em novembro do ano de 1869. Ele tinha muito pesar, por não poder oferecer a ela uma casa melhor, porque na casa grande que o pai dela possuía em Hamburgo, ela foi muito mimada. Mais de 4 anos o nosso pai esteve ausente de Blumenau e neste tempo a casa ficou abandonada e deu muito trabalho para fazer dela um lar aconchegante. O nosso pai sempre tinha a intenção de construir uma linda casa no morro do aipim, que pertencia a ele. Plantas desta casa ainda existem e si elas fossem realizadas, se erguia lá, com certeza, uma casa grande e bonita. Mas o tempo passou e a construção nova não se realizou e os meios financeiros foram necessitados para outros fins. A nossa mãe sabia fazer agradável o ambiente em redor dela e ela se sentiu bem, apesar da solidão. Que vida feliz nós levamos neste lar, que era um paraíso para nós crianças, não só a casa, como tudo em redor dela.

A casa era de um andar e sem porão, mas tinha um fastigio em cima dos quartos. Como é uso por causa do calor em países tropicais e também em Blumenau, as salas eram separadas da cosinha e um corredor na largura da casa, mas aberto nos dois lados ligando uma a outra. Dois aposentos existiam na casa da frente, que serviam de sala de estar e quartos de dormir, um terceiro quarto foi construído quando a família aumentou, ele era mais alto e tinha uns degraus, assim serviu o lugar em baixo como porão. Coberta era a casa de largas ripas de madeira, que deram a ela um ar conchegante. Grandes guarda-ventos, pintados de verde em frente das vidraças protegiam contra sol e calor. O edificio atrás da casa se compunha de uma grande cozinha e uma grande e bonita sala de refeição, na qual as crianças tinham os brinquedos e aonde nós mais parávamos. Nos fundos tinha mais dois quartos e isto era tudo. Os quartos de trás eram construídos um pouco mais altos com uns degraus, assim o ar podia passar por baixo, isto era mais prático por causa do calor. Muito interessados e um pouco medrosos nós observamos os lagartos de mais de um metro de comprimento, que saíam e entravam lá em baixo. Tão modesta como os aposentos era também a pouca e escassa mobília, mas tudo era muito conchegante. Eu me lembro ainda do bonito sofá de couro, onde sentado, o meu pai de noite, acostumava ler seu jornal, ao lado numa poltrona minha mãe, sempre ocupada com alguma coisa ainda na luz da lâmpada um quadro calmo e feliz. No harmônio ela nos alegrou com lindos cantos. Das paredes olhavam as fotografias dos parentes mais próximos para nós, apesar de (Nächtischchen) uma mesinha para costurar, um armarinho e cadeiras não tinham outros móveis na sala,

A casa achava-se longe da estrada num jardim e neste o nosso pai procurava descanso do trabalho e da fadiga do dia. Muitas vezes nós

crianças fomos mandadas chamar ele, para as refeições quando ele trabalhava no edifício da diretoria e não queria sair antes de acabar o serviço com o qual estava ocupado. Este jardim era o "hobby" do nosso pai e representava o seu maior interesse. Ainda me lembro, com que alegria todo domingo de manhã ele cortava as flores que depois minha mãe arranjava em lindos ramalhetes em cestas de arame dentro de vasos com água. Foi sempre uma alegria para ele escolher tudo que era preciso para isto. Como ele podia deleitar-se do perfume das rosas, talvez sua flor predileta, das quais ele preferia as vermelhas escuras e amarelas claras. O nosso jardim era mesmo uma jóia da qual se podia encantar.

O ilustre turista, embaixador suíço, Barão de Tschudi, elogiou com razão como Jardim Botânico e assim ele entrou na enciclopédia. Hoje ele não existe mais, a enchente de 1880 destruiu-o.

De todos países estrangeiros foram buscadas as preciosas plantas e cultivadas. Não só aqui no seu jardim meu pai plantou os seus favoritos, também no jardim do seu sobrinho Victor Gaertner ele plantou as mais diferentes plantas para as quais não tinha lugar no seu jardim.

O amor para com a natureza saiu do meu pai para mim e para os meus irmãos, eu podia ainda pintar, se eu soubesse, o nosso jardim, que tão intensivamente me impressionou, apesar de eu ser naquele tempo uma criança bem jovem.

Uma cerca coberta de lindas trepadeiras rodeava o jardim. Rosas vermelhas treparam lá o lado da entrada. Jasmim com bonitas flores brancas como estrelas tirando os talos deixavam cair uma seiva leitosa, Dracenas e arbustos em flor atrás e em cima, entrando pelo portão parecia um arco de triunfo, feito de uma trepadeira com grandes flores amarelas. Mais cresceram na cerca Fúcias, Heliotrop e camélias vermelhas, Azaléas vermelhas e outras. Todos os canteiros eram beirados de uma espécie de Erica, que era de lá mesmo. Magníficas palmeiras davam sombras para um assento (Sitzplatz) e o fundo para um monte de pedras, que era plantado com Gloxínias, Caladius e o mais bonito, um grande Cactus com flores brancas, que atraíam os beija-flores, enfiar os bicos e tomar a seiva de mel. Muitas vezes nós observamos estes pequenos, rápidos passarinhos nestas flores, que depois se tornaram bonitas frutas e também as flores do *Metrosideros* eles festavam.

Também um maravilhoso Junco estava no jardim, existe uma foto do pai ao lado dele e também as singulares Pandanus, Violeta de cheiro doce e delicado, violetas cheias azul-claro e brancas, que minha mãe gostava tanto.

Camélias das mais finas variedades foram plantadas e protegidas em tempo ruim. O ar estava saturado de fragância delicada, a mais forte vinha de uma rosa (*Polyantis*) muito apreciada no Brasil.

É bem interessante, que as flores com o cheiro mais forte, geralmente são de cor branca, lindas também as combinações de amarelo e vermelho de muitas flores. Nós tínhamos Magnólias com flores como pequenos repolhos, a maravilhosa Gardênia dobrada, os lindos lírios com flores como funis, estas não faltavam em nenhum jardim. De florsinhas pequeninas brancas, saía um cheiro doce, elas são cobertas de folhas bri-

lhantes e verdes, elas se chamam Olea fragran, no Brasil têm o nome de Flor d'imperador, porque era a flor preferida do falecido último imperador Dom Pedro II. Aqui tem um canteiro de pés de Oleanda de todas as cores, de branco, em todos tons de vermelho, até vermelho bem escuro, simples e dobradas. Lá tem um canteiro com rosas maravilhosas, transportadas para cá com grande sacrifício, eu ainda encontrei uma lista de nomes destas rosas. Eu me lembro de uma enorme, que nós admiramos e uma (Moosrose) rosa de musgo da qual a flor me encantou pela singular cor de rosa e as folhas finas num pé alto, nunca mais eu vi igual flor.



CASA EM QUE RESIDIU O DR. HERMANN BLUMENAU ATÉ 1880
 FICAVA NA RUA DAS PALMEIRAS (ALAMÉDA DUQUE DE CAXIAS)
 NOS FUNDOS DA CASA Nº 106 ATUAL

Na lembrança ainda vejo eu e minha irmã com mãos dadas ante estas flores olhando e admirando. Murtinhos com folhas finas e grossas têm florzinhas brancas com fino cheiro e bagas gostosas. Tretona mostra sua florescência amarelo-vermelho, Amarylis e outras lindas plantas bulbosas encantavam os olhos, também Mibiscos com flores resplandcentes. Um caramanchão num canto do jardim formado de algumas árvores silvestres, um destes tinha flores brancas como estrelas. Numa ocasião com flores vermelhas uma outra trepadeira, a Heseacentris, com cachos lindos em vermelho-amarelo. Outra trepadeira existia com cachos vermelho-amarelo, da qual esqueci o nome; todas estas trepadeiras não tinham cheiro. Uma Bonjanvilla cobriu as árvores, mergulhando-as num mar de flores li-

lases. O que tinha mais no jardim eram raridades, das quais não me lembro bem e também não conheço os nomes. Só me lembro de alguns cactus e filifolhas, das quais gostei mais da Odeamtus e de um arbusto ou uma árvore, que tinha num caule pendurado de mais ou menos 25 cms grandes flores feito ponpons, de rara beleza, como também Daturas com bonitas flores brancas e o gracioso ou precioso Abutilon.

A linda e decorativa Porsenteia com flores vermelhas e cheirosas também estava lá.

Em baixo de arbustos e outros lugares livres tinham e rastejavam ainda muitas plantas lindas, como em frente da casa e ao lado da varanda a bonita Tarenia. Lembro-me também do belo Partulack, que nós admirávamos porque as flores abrem com a luz e se fecham de noite para dormir. O mais bonito de todos trepava na varanda e na casa. Ao lado a floire de Dijou cheia de flores e uma Rosa-bouquet, que se chamava Rosa-violeta, de cachos de uma cor amarelo claro e com um perfume de violetas; ela era maravilhosa. Em frente da casa subiu até o telhado a Rainha da noite, Clerus grandifloras, cheia de botões na florescência, que meu pai cortou e botou na mesa para observar a flor que só se abre uma noite, enchendo a sala com seu perfume de baunilha. Na varanda trepava uma planta com folhagem avermelhada, ao lado Clerodentron, com cachos de flores com cálix—cálix vermelho e florzinhas vermelhas e até bem alto a Haja carnosa, Flor de Cera, um nome significativo, porque as flores aveludadas parecem ser de cera. O cheiro era forte e doce e as gotas de mel que se formavam nós gostávamos de tirá-las.

De preferência nós sentávamos nesta varanda que tinha uma vista bonita para o jardim. As rosas mais bonitas estavam perto e nós tínhamos muito prazer, observando os beija-flores ligeiros, que voavam do Cactus para a Mosideros e de lá para cá. Muito aconchegado era quando chovia e se podia ouvir as gotas cair sobre os arbustos, eu gostava muito de ouvir isto. Então saíam grandes sapos e rãs, dos recantos e pulavam em frente da varanda — como nós ficávamos contentes, que estávamos seguros longe desses monstros.

Este jardim era separado por uma cerca do pomar, que tinha uma baixada até o rio Garcia, afluente do Itajai. Nesta baixada, perto do rio, tinha um bambuzal, com bambus finos (taquara), que balançavam graciosamente ao vento e mais grossos, Bambu rei da India — No pomar tinha muitos pés de laranja de diferentes qualidades, pés altos com galhos baixos, assim podia-se apreciar o perfume delicioso e com facilidade pegar as frutas.

Nós tínhamos laranjas vermelhas preferidas do meu pai e outras, uma laranja em forma de ovo no pátio de criação de aves com cerca de bambu, que amadureceu como última perto de Natal, uma pequena tangerina com casca fina e as maravilhosas mandarinas, mais algumas variedades de pêssegos, pés altos carregados de frutas, nos troncos trepavam macujãs, com frutas, que por dentro tinham uma massa gelatinosa de sabor delicioso. Tinha pitangas de um vermelho claro e outras mais escuras, frutas parecidas com cerejas, mas em vez de redondas, talhadas em forma de dentes e ligeiro sabor de terpentina. Assim talhadas eram as carambolas, amarelas e suculentas, cortando elas formavam cada roda uma estrela bonita.

Tinha uma estranha cereja, Gruminhama, Ameixa do Pará, Araçá, um pé silvestre, Gabiroba com frutas pequenas amarelas e muito admirado um pé de maçã, não me lembro ter visto mais variedades no viveiro de plantas do meu pai. Também presente estava a singular Papaja (mamão), com as grandes frutas amarelas lembrando melão.

Maravilhosas também eram as bananas de várias espécies não criadas aqui, mas destas sempre tinham cachos pendurados em compridas varas perto da casa, tais como os deliciosos abacaxis, que nós sempre tínhamos; as bananas eram amarelas e suculentas e não podiam ser comparadas com estas, que se podem comprar aqui na Alemanha. Si eu escrevi sobre tudo em extenso, é porque o nosso lar na minha lembrança era um paraíso, do qual sinto saudades e o tempo que eu passei lá, foi o melhor e mais bonito, que o amor paternal pode oferecer às crianças. O principal foi pintar um quadro preciso e fiel do lar, onde o nosso pai viveu e onde ele tinha tanto prazer em cuidar do ambiente.

IRMÃS FRANCISCANAS EM GASPAR



Casa onde residiram as primeiras "Irmãs Franciscanas de São José" vindas de sua Casa-Mãe de Angelina. Chegaram a Gaspar a 4 de Fevereiro de 1930, afim de assumirem a Escola Paroquial.

Colaboração de Leitores

No sentido de incentivar os valores novos das nossas letras e de promover condignamente a pesquisa e a divulgação dos estudos sobre a História de Santa Catarina, de modo particular os assuntos atinentes ao Vale do Itajaí, esta revista aceita colaborações dos seus leitores.

Convidamos pois os historiadores, professores de História, museólogos, bibliófilos e universitários, enfim todos os pesquisadores, cultores e estudiosos das nossas tradições culturais, a submeterem à Redação de "BLUMENAU EM CADERNOS" os seus artigos, teses, comunicações e obras semelhantes, bem como as suas sugestões sobre assuntos da História catarinense que mereceriam divulgação nestas páginas.

Receberemos portanto com imenso prazer, para exame e possível publicação, trabalhos como: biografias, narrativas de episódios históricos, genealogias, memórias e diários; críticas de livros ou artigos em periódicos; estudos de arqueologia, cartografia, cronologia, diplomática, epigrafia, heráldica, iconografia, indumentária, numismática, paleografia e sigilografia; cartas, certidões, testamentos e outros documentos históricos; estampas, descrições e reconstituições de obras arquitetônicas; estudos de filologia, geografia e toponímia histórica; bibliografias sobre vultos catarinenses, episódios históricos e histórias municipais; traduções de obras raras; acréscimos e retificações a livros antigos ou novos; sugestões para republicação de obras raras ou pouco conhecidas; artigos e estudos inéditos de pesquisadores falecidos, etc...

Sugerimos apenas apresentar os originais datilografados em uma só face do papel, em espaço nº 2, formato officio.

Quando for o caso, os artigos deverão indicar precisamente as obras consultadas para a sua elaboração, isto é, a sua bibliografia. Permitimo-nos lembrar a propósito que, de acordo com o recomendado nos cursos de metodologia do trabalho científico e, mais especialmente, nos cursos de biblioteconomia, na citação de livros a técnica exige que se observe a seguinte norma nas indicações: o autor, o título da obra e sua edição, a cidade em que foi publicada, a editora, o ano da edição, a indicação das páginas. Na citação dos artigos: o autor, o título do artigo, o nome do periódico (jornal, revista etc.) e a cidade em que foi publicado, a data completa de publicação (inclusive o dia e o número da edição, quando for o caso), as páginas.

Serão devolvidos, a pedido dos autores, os originais que não sejam aproveitados.

A REDAÇÃO

DIÁRIO DE UM CONSTRUTOR DE ITAJAÍ DO ANO DE 1899

Traduzido do Alemão

1^o de janeiro — Com Deus entramos no Ano Novo! Prost Neujahr nós nos desejamos e cada um espera do ano que começa, que suas esperanças e desejos se realizem. Também eu e nós todos esperamos do novo ano, que fiquemos poupados de calamidades, tal como nos aconteceram no fim do ano passado. A respeito dos meus negócios não tenho motivo de queixa, até posso dizer que o ano de 1898 foi próspero.

O que se refere aos meus negócios, o ano novo não promete o mesmo que o ano passado, mas também estou satisfeito com menos. Novas construções e conclusões de negócios ainda não estão em expectativa, só resta terminar as duas construções já começadas de M. Cunha e Palumbo. Mas ainda estou em melhor posição como por exemplo Maluche, que absolutamente não tem serviço em vista, e no último tempo quando eu quasi não dei conta do serviço, estava sem serviço. Um feliz estado e uma grande satisfação é que eu mesmo sem serviço nenhum posso viver muito bem dos meus aluguéis e juros, mal contado são 100 Milrêis de aluguel e o mesmo em juros que eu ganho e com 200 Milrêis nós podemos viver brilhantemente. Com grande participação foi inaugurado o Jornal "Progresso".

Na sociedade Caça e Tiro tinha baile e o nosso Willi participou. Como se diz o baile foi pouco frequentado. De tarde tinha tiro ao alvo e a nossa banda tocou. Depois também chegou a banda do Guarani, que foi convidada para tocar algumas peças o que ela também fez. Tinha bastante gente reunida lá que dançou e se divertiu. Willi ganhou o décimo primeiro prêmio do tiro ao alvo.

3 de janeiro — Para agradar Willi o como eu tinha tempo nós fomos jogar bolão às 4 horas e nos divertimos bastante. Um dos ladrões do Donato fugiu. M. Cunha não quer aceitar o orçamento da cozinha dele por causa do preço, eu já baixei 50 Milrêis, mas mais também não.

Esta noite fez muito calor e os pernilongos musicaram a valer. Em cima um pouco excitado por tomar uns copos de cerveja quando jogamos bolão, tudo junto fez o sono irrequieto e pouco satisfatório.

A minha intenção foi viajar amanhã para Blumenau, mas o vapor Blumenau já vai hoje. Lá no Konder, onde eu tinha de receber 70 Milrêis a conta não estava pronta, porque eu preciso pelo menos de 600 Milrêis para pagar tudo lá em cima.

6 de janeiro — Dia dos Reis — O costume de cantar dos reis cai sempre mais em desuso e esta noite foi só uma turma que nos alegrou com sua canção.

De tarde tinha reunião no Caça e Tiro e eleição da diretoria. Eu estou alegre que eu posso transferir meu cargo de honra. Eleitos foram: para Presidente; P. Bauer, Vice-Presidente; Galle, Tesoureiro; Mol-dente, Secretário; E. Palumbo, Procurador; Angelo Correa. Participaram na eleição 27 sócios, o que aconteceu raras vezes.

7 de janeiro — Isto era uma noite abafada, como não aconteceu muitas vezes, graças a Deus!—M. Cunha aceitou o orçamento da cozinha, pelos menos ele falou que quer começar na semana que vem.

Da minha caixa saiu muito dinheiro esses dias; 150\$000 cal, 350\$000 tijolos e hoje à Bornhausen um saldo de 43\$000 para madeira e sobre isso e amanhã domingo e eu preciso de 150\$000. Com isto a minha caixa está vazia e eu não sei de onde tirar o dinheiro para a viagem para Blumenau.

8 de janeiro — De Konder ganhei 600\$000 e fica um saldo de 100\$000. Mas também isto não chega para pagar as dívidas em Blumenau.

9 de janeiro — Esta noite fizeram um arrombamento no negócio de M. Cunha. O ladrão foi surpreendido e só levou comestíveis e 35\$000 em moedas. Já uma hora depois pegaram o ladrão e do dinheiro só faltaram 8\$000. Eu falei com Palumbo sobre o pagamento, mas ele respondeu que não tem dinheiro mas logo dá. Sempre grande gritaria e quando devem pagar, são esta gente que fazem mais luxo os mais preguiçosos. M. Cunha não falou nada e pagou logo 2 Contos de Réis antes do começo do serviço, ainda que Palumbo naquele tempo disse: será que este tem dinheiro para construir? Eu fui precipitado e emprestei 300 Milréis a A. Thieme.

Sem que eu esperava Palumbo me deixou chamar e me deu por conta 1 Conto de Réis. Agora eu posso cumprir as minhas obrigações nos próximos 14 dias e pagar umas dívidas.

10 de janeiro — Amanhã quero viajar para Blumenau para por em ordem meus negócios lá. Samuel vai junto porque ele vai levar seu filho para Salinger como aprendiz. Si o vapor sair cedo, como de costume, eu posso voltar com o vapor Blumenau quinta-feira. Si preciso, espero até sábado.

12 de janeiro — A viagem está terminada e peço a Deus, que tão breve eu não precise ir lá novamente. Apesar da boa companhia de Samuel, as duas viagens foram muito fastidiosas. Si eu não for forçado por negócios ou outros assuntos, ninguém vai me ver lá em cima. As despesas superaram meu orçamento, porque eu pensei de levar de volta alguma coisa dos meus 750 Milréis, mas eu fiquei devendo ainda 300 Milréis a Willi. A conta do médico que eu calculei em 300 Milréis foi 500 Milréis. Hotel em vez de 300 Milréis eram 440 Milréis. Assim errei na minha conta por 300 Milréis.

15 de janeiro — Dominho — Hoje é culto na igreja e o novo Harmônio vai ser inaugurado. Fato é para nós um grande progresso, porque a comunidade é pequena e o canto destes poucos era pobre.

15 de janeiro — De manhã era fresquinho como no mês de Maio, mas de dia fez muito calor como pleno verão. Esperamos hoje de Blumenau a grade para o túmulo do Sr. Konder, então tem que ser colocada logo porque os serralheiros e pintores vêm junto de Blumenau. Muitos homens de ofício agora têm falta de serviço, os demais carpinteiros e marceneiros estão sem trabalho. Eu ainda não tenho para me queixar, eu dou serviço para 4 marceneiros, 2 operários e 4 aprendizes. Por muito tempo eu não posso dar mais serviço para eles.

18 de janeiro — Uma esperança sobre serviço apareceu do Fontes, que tem a intenção de derrubar sua casa velha e construir uma nova no mesmo tipo e material como aquela de M. Cunha. Grande pressa não vai ter, porque ele precisa primeiro ver onde arranjar o dinheiro. Condição de antemão é, se no fim faltar-lhe dinheiro, ele me pode dar uma obrigação ou hipoteca. Sr. Fontes é um dos mais seguros, ele é um homem de honra e eu vou aceitar a proposta dele se nós chegarmos a um acordo.

19 de janeiro — Ontem eu me senti tão bem e trabalhei junto no muro da cozinha de M. Cunha. Hoje ao meio dia eu estava tão cansado e perdi tanto o vigor que fiquei até com medo. Mas isto passou e de tarde eu estava bem melhor. Também dinheiro eu ganhei de Donato, assim que eu tenho cerca de 1:100\$000 na minha caixa.

De noite às 8 horas tinha uma trovoada tão forte como raras vezes. Eu fui ligeiro e cobri o muro em baixo das calhas para a água não lavar o cimento dos tijolos.

20 de janeiro — São Sebastião — Como de costume perguntaram meus operários se eu quero que eles trabalhem. Eu disse que não, porque a experiência ensinou que ninguém vem ao serviço porque é dia santo e na igreja tem missa.

Nesta feia trovoada com muito vento de ontem, entrou chuva na repartição do Brandão e molhou totalmente todo o papel e dinheiro. A culpa deve ser da calha.

21 de janeiro — Nesta trovoada de ante-ontem entrou chuva em quase todas as casas. Como eu ouvi também chueu dentro da casa dos Konder. Ainda bem que ele não vive mais, porque ele me mandava tirar todo o telhado. Nas casas de Malburg, P. Bauer e outros, onde nunca entrou chuva, eles tinham de botar vasos em vários lugares. Apesar de tantas trovoadas não quer refrescar.

23 de janeiro — A parede do meio da casa de M. Cunha ficou horizontalmente rachada de que eu estranho muito. Isto não me aconteceu antes na minha vida inteira.

24 de janeiro -- Outra vez um calor brasileiro e quem tem de ganhar a vida lá fora, não se pode invejar. Mas ainda melhor que frio, que se sente muito mais.

Com o projeto do Fontes, eu pensei ter tempo ainda, mas hoje tinha conselho de guerra na presença da senhora dele que deu a planta da divisão do interior da casa.

28 de janeiro — Um calor muito abafado. Às 2 horas veio uma trovoadas com muita chuva. Nos nossos dias de velhos estamos ficando luxuriosos e sensíveis, pois os mosquitos nos obrigam a compra de um mosquiteiro.

29 de janeiro -- Uma manhã escura com chuva. Agora vem dias de festa a valer; carnaval, bolantinus, Sängersfest e quinta-feira Maria.

31 de janeiro -- Nenhum ano eu senti o calor e me senti tão fraco como estes últimos dias, apesar de já ter feito mais calor. Deve ser a idade avançada. Agora Fontes quer ainda mais uma planta, melhor, duas plantas da casa, uma com o corredor no meio e a outra com o corredor ao lado do negócio. Si não precisa ser muito certo, terá muito tempo e pensamentos.

Os "Kunstreiter" chegaram e querem dar 5 - 6 espetáculos. Para o carnaval a banda vem de Tijucas. Eu não estou contente porque eles não queriam a nossa banda. A de Tijucas não quer pagamento mas a comida e a hospedagem, custam 3 vezes mais do que a nossa banda que pediu 160 Milréis. Mas para mim isto é sem interesse porque não vou assistir o baile.

3 de fevereiro -- Os "Kunstreiter" deram o primeiro espetáculo. Eu entreguei a Fontes o primeiro orçamento, 8 Contos e novecentos Réis, mas de certo ele perdeu o apetite, porque ele calculou com 5-6 Contos. — De noite o nosso pequeno Heini teve um ataque para ficar com medo, mas ele melhorou depressa. Também a mãe está melhor depois de aplicar umas compressas em cima da bexiga.

4 de fevereiro -- Baile dos cantores na casa de Moldenhauer. A gente se sentia melhor de ficar em casa, em vez de suar em traje de rigor, mas as pessoas são tolas de uma vez. — Fontes me disse que o preço do orçamento da casa não o assustou, mas que ia passar algum tempo até que ele vai começar. Ele quer primeiro juntar uns 4-5 Contos, vendendo uma sua máquina ou terrenos.

5 de fevereiro -- Festa e baile passaram, só uns retardatários cantaram lá ainda às 6 horas da manhã de hoje. Tinha muita gente e estava bem divertido. Eu fui para casa à 1 hora da manhã. Durante a noite a mãe piorou e hoje ela tem ainda de ficar na cama. Eu despedi hoje João Fort e si Fontes vai demorar muito com a construção da casa, eu tenho que despedir ainda mais operários. Outro serviço não está em vista.

7 de fevereiro -- M. Cunha me pagou hoje 900 Milréis sem ser chamado, agora eu posso começar o telhado do Palumbo antes de pedir dinheiro dele. Excepcionalmente e para agradar Moldenhauer nós fomos jogar bolão. Anteriormente eu não fazia isto, mas hoje em dia posso me permitir isto, que não acontece muitas vezes.

8 de fevereiro -- M. Cunha quer a calçada dele pronta antes do Carnaval e eu vou fazer o desejo dele si o tempo permitir. Eu também estive no circo e vi como um homem foi atirado de um canhão.

Foi um trabalho bom. — Palumbo me pediu hoje de emprestar para ele 6 libras esterlinas da senhora von Borowski, ele quer pagar 10 % em ouro na aduaneira. Ela me entregou o dinheiro. Fontes disse que vai começar com a casa nos primeiros dias de março.

9 de fevereiro -- Fechado, mas muito quente. Tomara que o tempo fique bom até acabar com a calçada. O telhado também precisa de tempo bom, mas com este pode-se melhor acabar e outra vez começar como numa calçada.

10 de fevereiro -- O tempo é favorável para nós e pode ser que fique bom até a festa passar.

11 de fevereiro -- Estalam os foguetes e as casas tremem, porque chegou a banda Galotti de Tijucas para a "Estrela Oriente" para a glorificação do carnaval. A sociedade "Ironia" também contratou a banda Steffens (Legalistas) de lá. Esta chegou duas horas antes, também recebida com foguetes e barulho. — Às 4 horas veio uma trovoada, mas na calçada não pode mais causar danos. Em plena chuva veio uma ordem do comissário da polícia para fazer um túmulo no cemitério para um vagabundo que na estrada da Barra do Rio morreu. Eu mandei Louis logo começar o túmulo e pode a polícia enterrá-lo lá.

12 de fevereiro -- Domingo de carnaval. -- Hoje é um tumulto e uma correria, porque de tarde tem passeata. A banda Galotti tocou na igreja, mais ainda não se ouviu até meio dia. A passeata foi às 4 horas e todas duas sociedades fizeram o possível e tinham coisas bonitas. A maior pompa era um carro triunfal romano com dois cavalos baios bem naturais. Era uma verdadeira obra de mestre, ainda mais para gente que nunca viu e muito menos fizeram uma coisa igual! Quem foi o artista e o fabricante disso, não sei dizer. Em geral tudo era bonito e satisfatório especialmente para gente que não está acostumada de ver estas coisas.

13 de fevereiro -- A banda Galotti se movimentou agora mesmo para a sociedade dos atiradores para uma visita. Eu estava com vontade de ir junto, mas a pé neste calor, ida e volta é um sacrificio grande demais. Apesar disso incluem-se despesas — pelo menos 6 garrafas de cerveja — e isto me atrasa o bolão de segunda-feira. Brandão falou hoje de terminar o seu armazém, começado há tempo. Pelo menos a expectativa de um pouco de serviço! De noite tinha baile na "Estrela" de Moldenhauer, mas eu fui deitar-me. Pontualmente às 10 horas começou o baile e às 11 horas ainda não tinha terminada a primeira quadrilha. A música entrou tão alto no nosso quarto, que era difícil adormecer. Até os ratos no nosso sótão ficaram inquietos e fizeram pulos como nunca, por causa deste barulho não acostumado. Diariamente me confronto com a ignorante opinião: dinheiro não dá felicidade. Como agora com V. Below. O sapateiro Cunha não quer dar mais dinheiro para ele antes de ele terminar o serviço até pelo menos a metade.



Figuras do Passado

JOSÉ E. FINARDI

Vale sempre a pena
Quando a alma não for pequena
(FERNANDO PESSOA)

SANTO SCHENALLI

Nascido em Trecchiana, província de Belluno, Itália, em 1829, era casado com Santa Tonetto, com a qual teve três filhas. Passando grandes dificuldades, agravadas com o falecimento súbito de sua esposa, Santo Schenalli, entusiasmado com o que lhe diziam os agentes brasileiros de imigração em Belluno, organizou um grupo de colonos de suas relações de amizade e juntos embarcaram em Gênova, com destino à Colônia Blumenau, onde chegaram em meados do ano de 1876.

O grupo era constituído de seis pessoas: SANTO SCHENALLI, viúvo, de 47 anos, suas filhas: MARIA, de 20 anos; LÍBERA, de 18 anos e TEREZA, de 12 anos e mais GREGÓRIO CEHELERO, com 24 anos e DOMÊNICO DALMOLIN, de 20 anos de idade.

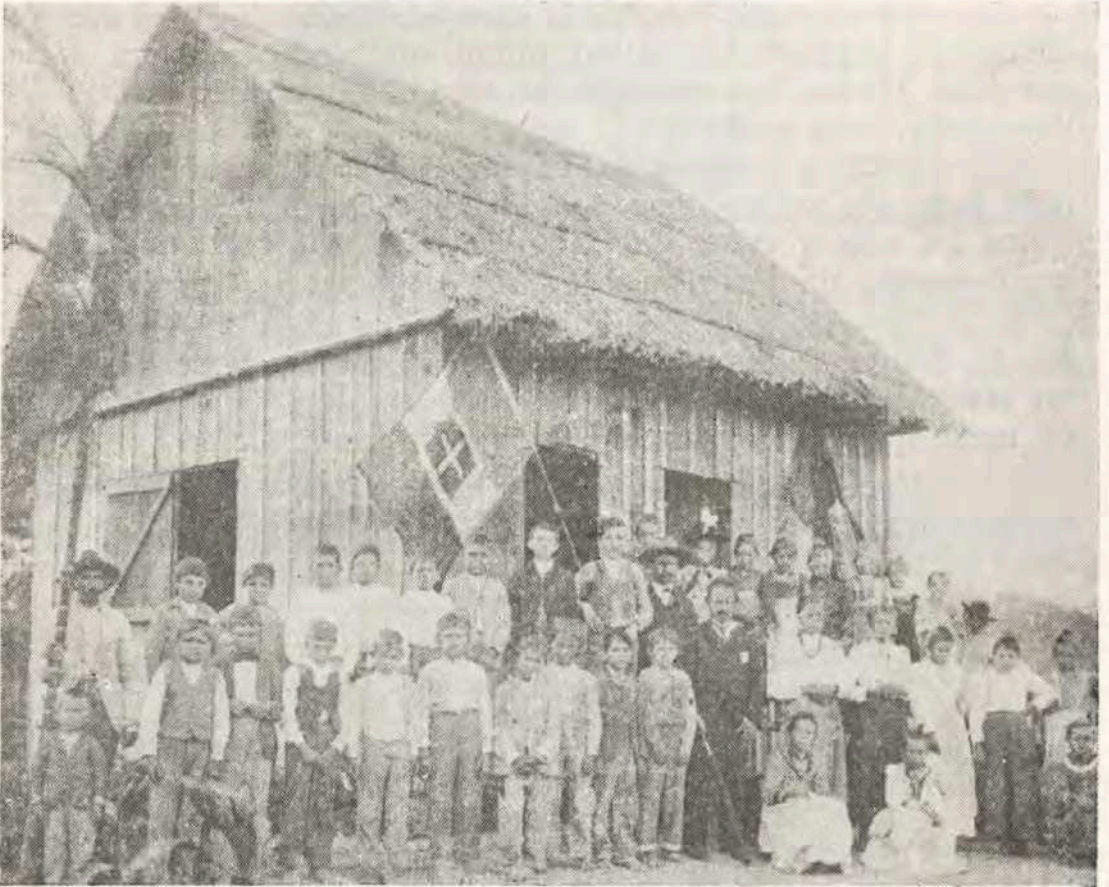
Inicialmente o grupo se estabeleceu em Guaricanas, onde lhes foram destinados pela Direção da Colônia Blumenau, os seguintes lotes da linha colonial Ribeirão Guaricanas: Santo Schenalli, o lote nº 16; Gregório Cechelero, o lote nº 13 e Domenico Dalmolin, o lote nº 29.

Consoiciando-se logo a seguir com Maria Schenalli, Gregório Cechelero, devido ao perigo constante das investidas dos selvícolas, adquiriu os lotes nrs. 167 e 168, da margem esquerda do Rio Itajaí Açu, limítrofes ao Norte, com a área destinada à povoação de Ascurra, neles transferindo sua residência, o que ocorreu em 1877, levando em sua companhia, o sogro Santo Schenalli e suas cunhadas Líbera Schenalli que, em 23 de agosto de 1881, se casaria com Domênico Dalmolin e Tereza Schenalli, que mais tarde, ou seja em 25 de julho de 1886, se consorciaria com Giovanni Biz.

Gregório Cechelero, necessitando ligar os lotes adquiridos com o caminho que atravessava a área urbana, tomou posse do lote nº 15, da povoação, com a área de 8.522 m², nele construindo modesto casebre onde passou Santo Schenalli a residir com suas filhas citadas.

A essa época, toda a área da povoação de Ascurra era constituída de mata virgem, não haviam sido ainda ocupados os 129 lotes urbanos mandados demarcar pelo Dr. Blumenau, exceção feita no lote nº 48, destinado à capela que logo nos primórdios, fora construída pelos primeiros moradores da então denominada "Colônia S. Paulo".

Primórdios de Guaricanas



Escola italiana de Guaricanas, construída por Ermembergo Pellizzetti e custeada pelo Consulado italiano em Florianópolis, vendo-se os professores Giovanni Feltrin e Mattio Bragagnolo com os 34 alunos do ano letivo de 1908, entre eles SILVIO MONDINI, atual virtuoso vigário coadjutor da paróquia de Ascurra.

Note-se a cobertura com folhas de palmitos e, asteadas, duas bandeiras italianas.

Foi, assim, Santo Schenalli, o primeiro morador da sede da povoação de Ascurra, seguindo-se em 1879, Felice Facchini, Giuseppe Bazzanella, Luigi Marcarini, Marco Salton, Giuseppe Tonolli, Giacinto Scottini, Nicola Badalotti, Fernando Brantz, Alessandro Zonta e outros.

Muito alto de estatura, o corpo desageitado, recurvado para a frente, magro, de feições toscas, paquirino, Santo Sche-

nalli era homem luminosamente feio. De gênio bom, voz suave, olhar terno, era, no entanto, homem dedicado, afetuoso, só sabia fazer o bem, era, enfim, a síntese da bondade humana, tão exagerada a ponto de ser alvo de chacota.

Profundamente devotado à religião, ergueu, ao lado de sua tosca cabana, à beira do caminho, pequena ermida (capitel) que dedicou a Santo Antônio, venerado em sua aldeia de origem em Belluno.

Colono que era, fazia suas plantações no terreno de seu genro Gregório Cechelero, muito auxiliando a esposa deste sua filha Maria, nos serviços da casa e na criação dos 12 filhos deste, seus netos.

Com o casamento de suas três filhas, Santo Schenalli ficou só, motivo por que decidiu contrair novas núpcias, o que fez com a viúva Carolina Avancini, mãe do pioneiro Carlos Avancini, de Guaricanas.

Em Ascurra, a essa época, como aliás em quase todas as demais zonas de colonização italiana, era costume bater latas, cincerros, businas de chifre, etc. durante uma semana ou mais, quando viúvos contraíam novo matrimônio.

Com Santo Schenalli aconteceu isso. Bateram latas, fizeram algazarra durante cerca de um mês, ocasião em que eram entoadas canções as mais diversas, uma delas do seguinte teôr:

Al gá passá la piana
Le andá in Vericana
Le andá de l'Avancina
Al gá sposá la Carolina...

E viva del Val
E viva el Carneval
E viva la sposa
Del Santo Schenal...

Santo Schenalli, sobretudo, era um bom e os bons não se conhecem, se reconhecem como disse famoso romancista.

E à tardinha de 13 de junho de 1912, dia em que se comemora Santo Antônio, de que Santo Schenalli era muito devoto, sua bela alma despedia-se para sempre pois seu coração bondoso parara de bater. Contava 83 anos de idade, tendo sido inumado no antigo cemitério de Ascurra, em frente à atual Igreja Matriz.

Levando vida muito metódica, jamais tendo feito uso de bebidas alcoólicas e de fumo, Santo Schenalli era muito saudável, jamais adoecendo, motivo por que foi apelidado de "Cerno de Pindabuna"...

Relembrando a figura simples desse pioneiro tão ser-
viçal e tão útil à coletividade ascurrense em que se integrou,
é justo que lhe seja prestada à sua memória, uma homenagem,
consubstanciada neste registro, pelos exemplos de bondade que
legou, pela modesta participação que teve no progresso de As-
curra incipiente, contribuindo por si e por seus numerosos des-
cendentes para engrandecê-la e tornar mais feliz sua gente.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

Dois destaques, hoje, para as letras catarinenses. Um livro póstumo do jornalista Adolfo Zigelli e uma revista de âmbito nacional, editada por vários intelectuais, entre os quais dois catarinenses. O livro é "As Soluções Finais", e a revista chama-se "FICÇÃO". Salim Miguel e Eglê Malheiros, ambos de Santa Catarina, figuram com destaque entre os Editores.

AS SOLUÇÕES FINAIS, de Adolfo Zigelli.
Editora Lunardelli, 1975.

Adolfo Zigelli foi uma pena brilhante. Humorista fino, sempre soube transmitir seu bom humor aos leitores. Para isso aproveitava as situações do dia-a-dia. A política de Florianópolis (especialmente Caruso, no livro); a situação nacional e os acontecimentos internacionais, serviam de pano de fundo para as crônicas sempre mordazes e bem humoradas de Zigelli.

Pois bem. Embora a idéia de publicar um livro nunca o tenha empolgado muito — como revela Walter Zigelli na apresentação da obra — ele aproveitou alguns dias de convalescença num hospital para reunir algumas crônicas que, a seu ver, seriam as mais interessantes. Juntou-as, escreveu um prefácio (sem "badalação", como ele mesmo registrou) e manteve os primeiros contatos com os editores, para a publicação. A morte, todavia, interrompeu o ciclo. Mas a Lunardelli, com quem o jornalista havia entabulado as primeiras negociações, estava disposta a levar avante o projeto. Por isso, Walter Zigelli, seu irmão, autorizou a publicação do livro. O título, que ainda não fora escolhido pelo autor, aproveitou o nome de uma das crônicas: "As Soluções Finais".

Mas foi na descrição do cotidiano florianopolitano que Zigelli revelou toda a sua fina percepção de cronista nato da "ilha". Vou reproduzir apenas um pequeno trecho, nada mais do que 12 linhas do livro, que bem demonstram o humor "ilhêu" do autor: A extraordinária produção cinematográfica do não menos extraordinário intelectual e pensador patricio Teixerinha teve vida curta em Florianópolis. Dois dias no Ritz, um dia no Roxy e mais alguns no Estreito. Contudo, os nossos informantes registraram, pilhando em flagrante, algumas presenças na exibição do filme: o vereador Waldemar Filho, o jornalista e estudante de filosofia Jaly Meirinho, dois deputados que pediram pelo amor de Deus para não ser identificados, o chefe do gabinete do Prefeito, jornalista Adão Miranda, o ex-jornalista e atual analista político e comerciante Dorival da Silva Lino, o publicista Antunes Severo e outros menos votados. Todos eles juraram que estavam fazendo uma pesquisa social."

Assim, todos, indistintamente, eram os personagens dos escritos de Zigelli.

A capa do livro, desenhada pelo conhecido caricaturista Fossari, mostra Zigelli em frente de um microfone.

O que causa muita satisfação é saber que "As Soluções Finais" teve uma

ótima aceitação entre os leitores. Está saindo bem nas livrarias. É pena que Zigelli não esteja vivo para ver o sucesso do seu "livrinho", como ele — modestamente — o classificou.

Em março de 74, no prefácio (sem badalação) que preparara para o livro, ele dizia: "Não tenho nenhum agradecimento especial a fazer, muito pelo contrário. Ninguém me incentivou e nem mesmo houve insistência dos amigos para que reunisse alguns de meus trabalhos."

Não se pode negar que o lançamento da Lunardelli, ora enfocado, proporciona leitura bem humorada. E o que necessitamos nestes dias conturbados, a não ser um pouco de alegria.

FICÇÃO — Editores Salim Miguel, Eglê Malheiros e outros.
Revista Mensal, N° 1 — Janeiro 1976.

Acaba de sair o primeiro número de uma revista de contos, reunindo ficção nacional e estrangeira. E o registro é bastante válido nesta coluna, pelo envolvimento de 2 catarinense no Conselho Editorial: Salim Miguel, escritor, jornalista e roteirista cinematográfico catarinense, e sua esposa, Eglê.

O primeiro número, que Salim Miguel teve a gentileza de nos entregar pessoalmente, e que ainda está nas bancas, traz vários contos nacionais, um conto estrangeiro, um de ficção científica, além de um depoimento de Marques Rebelo, resenha literária, charges, etc.

A Revista "Ficção" instituiu um concurso literário, do qual todos podem participar. Basta seguir o regulamento que a própria revista publica. Muito válida a iniciativa e esperamos que novos contistas se revelem. Especialmente contistas de nosso Estado, que estarão, assim, dando um apoio e uma colaboração a Salim Miguel e a sua esposa.

IRMÃS FRANCISCANAS EM GASPAR



Nova casa das Irmãs Franciscanas inaugurada em 25 de Setembro de 1932. Em 30 de Dezembro de 1949, essas irmãs se retiraram definitivamente de Gaspar. Em 1952, vieram as Irmãs Franciscanas Professoras das Escolas Cristãs que ainda hoje permanecem no visinho município de Gaspar.

A POLÍTICA ERVATEIRA EM SANTA CATARINA E NO PARANÁ

Marisa Correia de Oliveira

1. O COOPERATIVISMO

A crise da exportação da erva mate no início da década de 1930 incidiu com o governo de Getúlio Vargas que, por sua vez, tentou contornar a debacle do café com um programa de diversificação da agricultura, como também o controle e a racionalização das principais exportações brasileiras abaladas por inúmeros fatores exógenos.

O programa de reconstrução nacional previa, sobretudo, a reorganização do Ministério da Agricultura, intensificando a policultura e a adoção de uma política internacional de aproximação econômica facilitando o escoamento das sobras exportáveis.

De acordo com o novo esquema, para a economia ervateira são criadas as Cooperativas e posteriormente em 1938, o Instituto Nacional do Mate, como medidas defensivas do produto.

As cooperativas que surgiram no Brasil seguiram de um modo geral a orientação clássica dos Pioneiros de Rochdale, considerados os consolidadores do cooperativismo contemporâneo. 1

1. 1. Aspectos gerais do Cooperativismo contemporâneo

O movimento operário reivindicando melhoria salarial, originado em uma fábrica da Inglaterra, em 1843, proporcionou o surgimento da Sociedade Rochdale dos Pioneiros da Equidade em 1844. 2 Charles Howarth formulou os princípios da referida Sociedade, que estabeleceram as diretrizes clássicas do cooperativismo mundial. 3

Com a vitoriosa experiência dos Pioneiros, ainda há a colaboração para o desenvolvimento do cooperativismo, na França as idéias de Louis Blanc e a Escola de Nimes, uma entidade doutrinária liderada por Charles Gide que estabeleceu as linhas gerais da doutrina. O pensamento de Gide tornou-se a sistemática oficial do cooperativismo, isto é, a condenação do regime assalariado, emancipação dos trabalhadores, supressão do intermediário e do lucro por meio das cooperativas. 4

O autor português Castro Caldas, analisando o significado social do cooperativismo, diz que "reveste-se de feição nitidamente anticapitalista, ao procurar suprimir certas atividades intermediárias e sobretudo combater o móbil do lucro individual." 5

1. 2. O cooperativismo no Brasil

No Brasil o cooperativismo apareceu através dos contingentes imigratórios que adotaram o sistema na zona rural, A evolução da colonização na região Sul favoreceu o regime de pequena propriedade e a

reunião dos produtores em cooperativas. No início do século, surgiram as primeiras experiências nas colônias germânicas no Rio Grande do Sul, com a fundação das cooperativas de crédito. Hoje este Estado ainda detém o maior número de cooperativas do Brasil. Em 1903, realizou-se no Rio de Janeiro, o primeiro congresso da Sociedade Nacional da Agricultura cujo tema principal foi a organização dos sindicatos e cooperativas. 6

Entre os anos 1925-1926-1927 verifica-se nas publicações do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio uma série de relatórios e artigos que acentuam uma preocupação pelo sistema cooperativista e pelo sindicalismo como soluções para a produção e conseqüentemente para o comércio de exportação. 7

O cooperativismo sistematizado se estabelece no Brasil a partir de 1932 com o Decreto nº 22.239, regulamentando a organização e funcionamento das cooperativas, a qual se complementou em 1938 com o decreto-lei nº 581. 8

Foram criadas, nos Estados, as primeiras instituições de assistência e propaganda.

Fundou-se a Caixa de Crédito Cooperativa e organizou-se o Serviço de Economia Rural.

Aparecem também entidades particulares como a União das Cooperativas e Escola Livre do Cooperativismo, em S. Paulo.

O cooperativismo se desenvolveu melhor no Rio Grande do Sul, onde tradicionalmente a experiência já tinha sido adotada com imigrantes, no meio dos madeireiros e dos viticultores, com suas cooperativas de consumo, de produção e de crédito, modalidades essas, que mais proliferaram pelas demais regiões brasileiras. 9

O artigo 2, do decreto nº 22.239, estabeleceu o conceito cooperativista: "as sociedades cooperativas, qualquer que seja a sua natureza, civil ou mercantil, são sociedades de pessoas e não de capitais, de forma jurídica "sui generis", e de objetivos econômicos comuns." 10

Procura dar uma ênfase anti-capitalista que se revela no seu funcionamento quanto ao voto, nas deliberações sociais, e quanto à distribuição de eventuais lucros ou sobras decorrentes das atividades sociais. As características gerais desta fase cooperativista se apoiam nos princípios de Rochdale.

Os tipos de sociedades cooperativistas previstas pelo Decreto são, entre outras:

- 1 — de produção agrícola
- 2 — de produção industrial
- 3 — de trabalho
- 4 — de beneficiamento de produtos
- 5 — de compras
- 6 — de vendas
- 7 — de abastecimentos
- 8 — de crédito
- 9 — de consumo
- 10 — de seguro, etc.

Em 1943, o governo criou a Caixa de Crédito Cooperativista, com a finalidade de financiar o cooperativismo em todo o território Nacional, mediante assistência creditícia e financeira ao cooperativismo. 11

Em 1951, a Caixa foi transformada em Banco Nacional de Crédito Cooperativo.

Até 1963, era esta a situação das cooperativas no Paraná e no Brasil:

Quadro nº 16
Cooperativas — Brasil e Paraná

Região	Total	Consumo	Produção	Crédito	Outras
Brasil	5.515	2.703	2.040	531	841
Paraná , , .	290	137	128	19	6
Áreas tradicionais	44	23	14	1	6

Fonte: IBGE

Por este quadro verifica-se que apenas 5,2% das cooperativas do Brasil se encontram no Paraná e as de produção atingem 6,1% do total. São 14 as existentes na região tradicional cujo pólo é Ponta Grossa. E é em Ponta Grossa que se encontra a única cooperativa de crédito. 12

As cooperativas não têm conseguido formar um setor dinâmico, porque o sistema exige uma mentalidade social progressista.

As cooperativas do mate, em virtude de sua importância histórica na economia paranaense, têm adotado uma posição de luta constante para solucionar os problemas a elas afetos.

1. 3. O mate e as condições técnicas

Com aparência de riqueza fácil, em virtude da existência de ervais nativos que abrangiam extensas regiões do Paraná, esta indústria extrativa atraiu inúmeras pessoas, inclusive contingentes imigratórios que se estabeleceram no sul e oeste do Estado e aproveitaram os momentos positivos da referida economia.

Nas zonas onde a colonização resultou no regime de pequena propriedade, como no Paraná e Santa Catarina, no Sul do Brasil, a atividade ervateira foi executada quase sem trabalho assalariado, diferindo das áreas latifundiárias onde o penoso serviço foi realizado por empreitadas mobilizando milhares de "tarefeiros".

Durante cento e vinte dias, entre os meses de junho e setembro, agrupamentos de homens, mulheres e crianças trabalharam por salários irrisórios na coleta do mate, cujo lucro do produto exportador caberia aos intermediários.

A técnica utilizada era, e é ainda, de corte de galhos a facão ou foice. Sapecadas as folhas no próprio erval, a erva é quebrada ou desfolhada, enfeixada e transportada para o "carijo" ou "barbaquês" que são primitivas câmaras de aquecimento, por onde se processa a secagem que dura de 10 a 20 horas. É deste processo que se originam os tipos

clássicos de erva mate: o cariyo, o mais primitivo e que recebe a fumaça despreendida; e o de barbaquá, mais evoluído, onde a secagem é feita unicamente pelo ar aquecido.

Posteriormente, a erva é levada ao cancheador, aparelho triturador, que pode ser "simples" ou "furado". No segundo caso o fundo é de madeira ou metal, dando a cada uma delas tipos de mate diferentes, qualificáveis pelas percentagens de fragmentos de galhos, pau ou de pó existentes.

Após este processo primitivo é que a erva é transportada para os centros de beneficiamentos e embalagens para ser colocada à venda nos mercados nacionais e estrangeiros. 13

1. 4. Mecanismo comercial

Terminada a safra, a erva é vendida aos armazéns cujos comerciantes realizam as devidas transações com os industriais exportadores.

Entre o produtor e o consumidor existem três intermediários que, através deste mecanismo, auferem grandes lucros:

a) o "bodegueiro" ou comerciante do interior que compra ou troca e armazena a erva.

b) o exportador que compra do bodegueiro para fins de beneficiamento, embalagem e venda nos mercados nacionais e internacionais.

c) o varejista, único elemento imprescindível para a distribuição comercial.

A ausência do controle da produção e do comércio deixava a economia ervateira à mercê das mais desenfreadas especulações por parte daqueles que visavam lucros rápidos e cada vez maiores.

Em virtude desses aspectos, ocorriam portanto as crises de superprodução, baixa de preços, ruína dos produtores e o conseqüente abandono dos ervais com graves prejuízos para o País, não existindo nenhuma espécie de financiamento, o produtor valia-se do pouco que lhe oferecia o "bodegueiro", trocando a produção por artigo de uso e consumo pessoal ou doméstico e pelos demais recursos destinados a possibilitar a execução de suas outras atividades rurais. 14

1. 5. Movimento cooperativista

Os problemas acima relatados, retratam as razões da instabilidade da economia paranaense, temática constante dos relatórios e mensagens governamentais. Conforme a nova política econômica em 1935 surgiu com âmbito nos Estados do Paraná e Santa Catarina, a primeira organização de vulto cujo objetivo seria solucionar a grave situação da produção agrícola, a Confederação Inter-Estadual de Consórcios Profissionais Cooperativos, decorrência do Plano Geral de Organização Agrária, de atribuição do Ministério da Agricultura, por intermédio da Diretoria de Organização e Defesa de Produção (posteriormente, Serviço de Economia Rural). 15

As preliminares da organização das cooperativas exigiram a ida de delegados ao interior informando e auscultando os ervateiros sobre o assunto.

Neste mesmo ano, foram criados no Paraná e Santa Catarina

consórcios profissionais cooperativos de produtores de mate. Após vários contactos políticos e interferências dos Governadores, ervateiros dos dois Estados criaram em 1936 a Confederação Nacional do Mate.

A ausência de aplicação integral do Plano e a reação dos intermediários, cujo poder se estendia às lideranças políticas, desagregaram a Confederação.

Apesar disso, os órgãos do Ministério da Agricultura continuaram a luta pela planificação agrícola. Os ervateiros conseguiram então, unidos em cooperativas, fundar a Federação do Mate do Paraná e Santa Catarina em 1939, sob a orientação do Serviço de Economia Rural. 16

Enfrentando inúmeras dificuldades, como falta de base econômica para financiar as safras e o intermediarismo, a Federação se dividiu, surgindo a do Paraná e a de Santa Catarina.

Estas entidades pleiteavam a oficialização de seus armazéns, financiamentos através do Banco do Brasil e direito de exportar. Estas reivindicações básicas se chocavam com a política dos industriais e o Instituto Nacional do Mate não corroborava com os interesses dos produtores.

A crise geral da erva mate abrigou em 1941, a tomada de posição dos Interventores do Paraná e Santa Catarina, e para contornar a situação, temporariamente foram dadas às Federações quotas de exportação.

À Federação do Mate de Santa Catarina, conseguiu colocar no mercado argentino, um milhão de quilos de erva mate, total da quota que lhe fora concedida, embora o seu inexpressivo capital e sua inexperiência no setor exportador. 17 Mesmo assim a quota lhe foi retirada, e também a da Federação do Paraná.

Quando foi criado em 1938 o Instituto Nacional do Mate, com várias atribuições e planos de ações para solver as dificuldades ervateiras, as Federações se propuseram a executar os referidos planos, julgando-se profissional e economicamente aparelhadas para tal.

O Instituto Nacional do Mate preferiu agir de forma isolada, e o planejamento não surtiu o efeito esperado, porque os intermediários burlavam os preços mínimos fixados pela autarquia.

A situação tornou-se alarmante, desanimadas, lentamente se desagregavam as Cooperativas e Federações.

Em 1942 o Serviço de Economia Rural criou a Comissão de Organização Cooperativa dos Produtores do Mate (C. O. C. P. M.) com envergadura nacional.

A base econômico-financeira da referida Comissão era constituída pela contribuição dos industriais exportadores de mate, no valor de Cr\$ 1,00 antigo por quinze quilos de erva produzida no País, cabendo ao Instituto Nacional do Mate a arrecadação dessa contribuição e o depósito de seu valor no Banco do Brasil à disposição da C. O. C. P. M.

Atribuições da C. O. C. P. M. :

a — a divisão da região ervateira em setores geo-econômicos.

b — organização de cooperativas de produtores de mate, considerados os centros de convergência econômica.

c — o controle, assistência e fiscalização das cooperativas de produtores de mate.

d — a determinação das épocas de arrecadação.

e — a movimentação de renda proveniente da contribuição.

f — o financiamento à produção através das Cooperativas.

g — aquisição e montagem do maquinário necessário ao beneficiamento do mate e aproveitamento dos sub-produtos.

h — a articulação das cooperativas com I. N. M.

i — o comércio do mate consignado pelos produtores com as Cooperativas de que são associadas.

Após um levantamento da situação geográfica e socio-econômica das regiões, foram delimitadas as áreas para facilitar a operação.

Foram então constituídas as cooperativas e iniciadas a entrega de produção, ocorrendo o aumento progressivo de associados, que atinge em 1943 o número de 7.446 abrangendo o Paraná e Santa Catarina. 18

As duas zonas de maior densidade de ervais são representadas pelas cooperativas de Produtores de Mate "Canoinhas" (com 1,187 associados) e "Iguaçu" (com 1.111 associados) a primeira em Santa Catarina e a segunda no município de São Mateus do Sul, no Paraná.

O estudo e a conseqüente delimitação das áreas de operação, provocou entre outros fatores, a capacidade de auto-manutenção e auto-desenvolvimento das Cooperativas.

A realidade demonstrou a complexidade do problema, de maneira que os objetivos da Comissão não foram totalmente alcançados. A falta de meios de transportes e a carência do combustível necessário dificultam o escoamento da produção.

A C. O. C. P. M. procurou controlar os pedidos a fim de evitar o congestionamento dos estoques nas cooperativas. Os associados subscreveram as quotas na proporção da produção conforme autorização do Instituto Nacional do Mate. A integralização desse capital, era feita diretamente pelo C. O. C. P. M. que aplicava 50% da contribuição que constituia seus recursos econômico-financeiros. O produtor formava, portanto, o seu capital e o da sua cooperativa.

O capital social nas Cooperativas além de proporcionar-lhes maior amplitude de ação e atitudes independentes, seria também a salvação do produtor em relação aos considerados irrisórios preços oficiais.

As Cooperativas seguem na sua estrutura o tipo misto de venda em comum, crédito, consumo profissional e beneficiamento.

A C. O. C. P. M. atuou também através de uma coexistência entre produtores e exportadores e, este trabalho de base permitiu o mecanismo comercial, como a distribuição da erva mate entre os exportadores, seguindo o desenrolar da safra e estoques, na proporção das quotas de exportação fixadas pelo Instituto Nacional do Mate, estabeleceu sua fixação de percentagens de "quebra" (pó e pau) existentes na erva mate pagando o exportador o frete até 12% dessa quebra. 19

A utilização pelas cooperativas, da sacaria dos exportadores

mediante indenização ou aluguel de Cr\$ 0,20 por saco e viagem; pagamentos mediante guia de entrega de cancheada, extraída pela cooperativa e apresentadas ao exportador da C. O. C. P. M.; a fiscalização das entradas de erva mate nos armazéns dos exportadores por fiscais da C. O. C. P. M., cabendo-lhes a verificação do peso, "quebras" e qualidade de erva.

Após 1946, durante o governo Dutra, a economia ervateira foi incluída no Plano Salte. O projeto governamental sofre obstrução na Câmara dos Deputados, mas o Senado aprova com emenda do Senador Lucio Corrêa, de Santa Catarina.

A proposição dentro do espírito do Plano, atendendo às necessidades e reclamos dos ervateiros, oferecia os seguintes tópicos:

- a) respeito absoluto à autonomia das Cooperativas do Mate.
- b) fiscalização, assistência técnica, controle efetivo e nacional do Mate.
- c) empréstimos e financiamentos necessários. 20

No tocante ao sistema, a Federação das Cooperativas do Mate "do Paraná", perdurou até 1967, quando sofre reformulação surgindo a Cooperativa Agro-Mate Paraná Ltda. A circular de 1968 da Cooperativa Agro-Mate, explica a necessidade de sua mudança. O texto diz que o sistema anterior, além de acarretar despesas, era dotado de uma morosidade burocrática incompatível com a pronta e rápida solução de problemas ligados à interrupção da exportação para a Argentina desde 1966. Que a organização atual continua garantindo preços, armazenamento, financiamentos e tentando reduzir na medida do possível, a cadeia onerosa dos intermediários. 21

2. A FUNCIONALIDADE DO INSTITUTO NACIONAL DO MATE

2. 1 Atribuições e financiamentos

Quando era prevista a perda do mercado argentino em virtude da crescente diminuição da importação, os Estados ervateiros criaram seus institutos especializados objetivando o contorno da crise.

O primeiro foi criado em Santa Catarina, pelo Governo Estadual com o decreto nº 64, de 2 de dezembro de 1927, com sede em Joinville. No Paraná, o Instituto do Mate surgiu no Governo Afonso Camargo, pela Lei nº 2559, de 2 de abril de 1928. 21

Sua finalidade era procurar novos mercados para colocar o produto, e o governo colaboraria com a propaganda.

A ingerência de industriais e uma política de preço prejudicial ao produtor tornaram a sua atuação inócua.

Estes Institutos originaram em 1938 conforme a nova linha de ação do Ministério de Agricultura, o Instituto Nacional do Mate, pelo Decreto-lei nº 375, de caráter autárquico com âmbito Nacional, reorganizado em 13 de dezembro de 1941 e regulamentado por Decreto nº 10755, de 30 de outubro de 1942. 23

Suas atribuições eram: supervisionar, controlar, fiscalizar e assistir financeira e economicamente todas as atividades ervateiras fixando quotas de

colheita de exportação, preços mínimos para compras e vendas, propagandas, etc.

Na parte que se referia diretamente ao ervateiro o Instituto Nacional do Mate criou uma taxa de 0,50 centavos por quinze quilos de erva mate destinada a manter os entrepostos para o recebimento da produção que seria também financiada.

Para a safra de 1939, instalaram-se no Paraná e Santa Catarina, entrepostos que receberiam o mate do produtor, conforme as quotas da colheita. Com as garantias da erva mate recebida e do preço mínimo estabelecido, tornar-se-ia simples a execução da medida. O Instituto Nacional do Mate pretendia solucionar o problema mais grave que era o intermediarismo, pois, fixando-se os preços, equilibrava-se a produção e desapareceriam os intermediários regionais.

Os entrepostos seriam uma forma de vínculo entre o produtor e a autarquia. Através desses entrepostos, o Instituto Nacional do Mate efetuaría o financiamento, pois para isso foi feito um contrato com a Carteira Agrícola do Banco do Brasil. Como consequência desse financiamento, o produtor entregaria o mate ao Instituto, recebendo deste um certificado com anotações do peso e finalidade e seu valor correspondente de acordo com os preços mínimos estabelecidos. 24

Com a apresentação desse certificado ao Banco do Brasil, receberia o produtor 50% do valor nele declarado, e conseqüentemente, o mate entregue ao Instituto, ficaria empenhado ao Banco. O industrial para adquirir mate em depósito no Instituto, enviaria ao Banco 70% do valor correspondente ao volume que necessitasse, ficando este, na ocasião, liberado. Com o mate em seu poder, o industrial pagaria ao Instituto os 30% restantes, que seriam remetidos, em seguida, ao Banco, a crédito dos produtores. Estes então receberiam o saldo correspondente à entrega do seu produto.

O serviço de entrepostos, seria, portanto, uma medida preliminar, encarregado de superintender todos os assuntos relacionados com a produção e comercialização da erva.

No ano de 1939, início da atuação do Instituto Nacional do Mate, o financiamento atingiria apenas os Estados do Paraná e Santa Catarina, tendo sido, para isso, criados no Paraná os entrepostos de Curitiba, Ponta Grossa, São Mateus, Rebouças e Rio Negro; e em Santa Catarina, os de Canoinhas, Mafra, Campo Alegre, Cruzeiro e Valões. 25

Esses entrepostos poderiam ter tantos armazéns, quantos se fizessem necessários a um atendimento aos interesses dos produtores.

Como medida de equilíbrio entre a produção e o consumo, e como ponto de partida para o funcionamento, o Instituto fixou para cada produtor uma determinada quota, baseada na declaração de produção dos últimos três anos.

O Instituto Nacional do Mate encontrou dificuldades para executar o planejamento. Os entrepostos foram realmente instalados, estimulando o produtor que extraía a erva mate entusiasticamente. O plano foi frustrado pela dificuldade de financiamento, pelo excesso de produção sobre a exportação e pelo fato do excedente atingir mais de 13.000.000 de quilos. 26

Foi constatado que as medidas não eram cumpridas, a fiscalização não estava aparelhada devidamente para atuar, a situação do produtor chegou a tal ponto que trocava o mate por questão de simples subsistência.

Os intermediários agiam à vontade, e de vez em quando pagavam pequenas multas por aquisição do mate a preço inferior ao fixado pelo Instituto Nacional do Mate. Para burlar o preço mínimo bastava um recibo legal e um pagamento ilegal ao produtor, que não tinha nenhuma outra possibilidade de resistir.

Toda esta problemática colaborou para a extinção dos entrepostos, perdendo o Instituto Nacional do Mate praticamente a sua ligação com o ervateiro, mantendo-os apenas no interior quase que em função dos exportadores. Ai é que entra a participação de C. O. C. P. M., que por intermédio das cooperativas, passa a colaborar com o Instituto, fornecendo os dados exatos sobre a produção. Distribui também as papeletas de quotas de produção e de registro de produtores conforme determinação do Instituto Nacional do Mate; fornecendo-lhe ainda dados sobre a circulação e comércio interno do mate. 27

2. 2. Finalidades da Divisão de Defesa da Produção

Um dos setores essenciais do Instituto Nacional do Mate, era a Divisão de Defesa da Produção que se constituia num órgão técnico organizado na seguinte forma:

- I — Secção de Defesa de Produção
- II — Secção de Pesquisas.

A Secção de Defesa da Produção tinha por funções, entre outras, o cadastramento dos produtores e dos núcleos da indústria extrativa, determinar as áreas de cultura, melhoramento nas condições de trabalho das populações ervateiras, estudar e propor as medidas econômicas e financeiras necessárias ao amparo do produtor. Além disso deveria elaborar as análises estatísticas da produção no País e no estrangeiro, bem como comparar as condições da erva mate estrangeira com a do Brasil, para finalmente planificar a industrialização do mate.

A Secção de Pesquisa deveria propor medidas à racionalização e melhoria da produção tais como: fixação das épocas e das condições de poda e colheita nos ervais, higienização e mecanização das operações de colheita e preparo da erva, verificação de embalagem, classificação, etc.

Também competia a esta Secção a superintendência dos trabalhos de pesquisa e experimentação através do funcionamento de laboratórios, campos experimentais e museus. 28

Apesar de todos estes planos devidamente especificados pelo Instituto Nacional do Mate, esta entidade esbarrou com uma série de problemas no interior, pois o ervateiro não acompanhava o aparelhamento burocrático da autarquia, problema este levado em consideração no 1º Congresso das Cooperativas de Produtores de Erva Mate. Quem acabou realizando o trabalho foram realmente as cooperativas, como o cadastramento dos produtores e dos ervais, a fiscalização dos tipos de mate que seria entregue ao Instituto.

O Boletim informativo da Divisão da Defesa da Produção e Controle do Mercado, no seu primeiro número, publicado em julho de 1939, apresenta quadro abaixo, com o levantamento da situação de economia ervateira de 1901 a 1938 relativa à exportação com seu valor em conside-

ráveis equivalentes à libra, fixada em padrão ouro, antes do início da atuação do Instituto Nacional do Mate. 29

Quadro nº 19
Instituto Nacional do Mate
CONTROLE DE MERCADO

	P R O D U Ç Ã O					
	Toneladas	Valnr	Toneladas	Valor em Contos de Réis	Equiv. em 1 000	Valor Tonel. em 1 000 Pap.
1901			39.887	19-733	926	495\$000
1902			41.929	21-930	1.085	523\$000
1903			36.595	13-595	677	376\$000
1904			44.162	19-255	973	436\$000
1905			41.120	18-738	1.032	455\$000
1906			57.796	27-932	1.866	483\$000
1907			52.053	25-519	1.610	492\$000
1908			55.315	26-378	1.650	477\$000
1909			58.050	26-450	1.656	456\$000
1910			59.360	29-017	1.956	489\$000
1911			61.834	29-785	1.986	482\$000
1912			62.880	31-539	2.183	562\$000
1913			65.843	35-576	2.372	542\$000
1914			59.707	27-361	1.668	459\$000
1915			76.352	35-968	1.862	471\$000
1916			76.776	38-076	1.885	496\$000
1917			65.431	33-971	1.818	519\$000
1918			72.781	39-730	2.151	547\$000
1919			90.200	52-512	3.201	582\$000
1920	125.821	41.196	90.686	50-559	2.972	558\$000
1921	101.098	33.929	71.899	43-436	1.492	604\$000
1922	103.723	34.717	82.346	53-564	1.564	651\$000
1923	105.901	35.607	87.648	53-118	1.214	629\$000
1924	109.680	37.341	78.750	57-952	2.179	1:117\$000
1925	114.074	38.537	86.755	107-518	2.864	1:239\$000
1926	119.535	61.367	92.657	114-220	3.323	1:233\$000
1927	101.464	51.852	91.092	109-921	2.677	1:207\$000
1928	113.672	58.058	88.180	114-335	2.821	1:303\$000
1929	127.400	65.000	85.972	106-339	2.613	1:237\$000
1930	96.621	48.389	84.846	95-352	2.139	1:124\$000
1931	102.453	51.059	76.760	93-543	1.348	1:220\$000
1932	99.009	50.044	81.400	86-380	1,274	1:059\$000
1933	79.586	40.527	59.222	63-420	867	1:071\$000
1934	86.522	44.261	64.702	71-526	735	1:105\$000
1935	83.545	42.885	61.500	66-330	543	1:079\$000
1936	89.277	89.277	66.601	64-074	511	962\$000
1937	63.519	66-347	552	1:013\$000
1938	63.241	59-378	419	939\$000

REPRODUÇÃO: Boletim Informativo das Divisões de Defesa da Produção e Controle de Mercado I: N. M.

Na análise do referido quadro o redator diz que pela marcha da exportação nos últimos três anos, já poderia vislumbrar a atuação firme do Instituto, criando novos mercados, refazendo o antigo, orientando a propaganda do mate em todos os setores, e, o que é agradável acentuar, desenvolvendo no país, com os melhores resultados, a propaganda intensiva desta salutar bebida.

Nesta tabela, verifica-se claramente a queda paulatina da exportação a partir de 1926. Dois terços desta exportação é proveniente do Paraná.

2. 3. O I. N. M. e a exportação

Uma das finalidades primordiais do Instituto Nacional do Mate era a de fixação das quotas da colheita, industrialização e exportação do mate.

A previsão do consumo era feita por meio da investigação estatística e desdobra-se em:

- 1 — Quota de colheita
- 2 — Quota de industrialização
- 3 — Quota de exportação Q/E/E

Esta última divide-se em:

- a — Quantum destinado aos mercados do exterior.
- b — Quantum destinado aos mercados nacionais.

A distribuição das quotas aos industriais e comerciantes era feita com o desdobramento da Q/E/E tomando por base a média das exportações individuais. Estabelecido o processo de distribuição de quotas, cabe assinalar que, em 28 de novembro de 1938, sob forma de sociedade mercantil de responsabilidade limitada por quotas, foi criada em Curitiba o Centro dos Exportadores Brasileiros de Erva Mate Ltda. Em Porto Alegre também foi criado o Centro dos Industriais e Exportadores Rio Grandenses de Mate Ltda., nos mesmos moldes. 30

As funções destes Centros eram propor a aprovação do Instituto Nacional do Mate as quotas anuais de exportação verificadas trimestralmente, para cada sócio e para cada mercado, bem como distribuir entre associados os pedidos de mate destinados ao exterior ou para consumo próprio do Estado.

A criação dos Centros vinha de encontro aos métodos de ação do Instituto Nacional do Mate, mas exigiria a necessidade de um órgão de fiscalização, como o F. I. C. — Fiscalização de Instrumentos Cooperativistas, bem aparelhado, que poderia em qualquer momento, conhecer a situação de cada exportador, dentro das quotas de exportação, e também o tipo de erva exportada, seu valor em réis e moeda estrangeira, além de outros dados importantes.

O Centro de Exportadores do Paraná era composto por 26 firmas exportadoras intermediárias de cancheada e beneficiada.

Praticamente monopolizavam os negócios internos e externos do mate. As proposições dos preços únicos para as vendas foram oficializadas pelo Instituto Nacional do Mate que por sua vez impunha o preço pelo qual o produtor deveria vender a erva ao Centro. 31

No início da década de 1940, o Presidente do Instituto Nacional do Mate estabeleceu com a Argentina um acordo para a conquista de novos mercados através de uma propaganda em conjunto. O Centro Agrário Yerbatero Argentino, dirigiu, por meio de seu Presidente, um memorial a um Ministro de Estado, sugerindo as normas para a formação de um fundo de propaganda para difundir o consumo do mate no exterior.

Para a conquista do mercado interno, o Instituto criou a Delegacia Regional de Propaganda no Norte do País e aprovou a criação por parte do Centro de Exportadores do Mate do Paraná e Santa Catarina dos armazéns distribuidores em São Paulo e Curitiba, como núcleos de propaganda intensiva. 32

No ano de 1944, quando foi programado o 1º Congresso Cooperativo de Ervateiros do Brasil, a fim de homenagear o 1º Centenário de Fundação da Cooperativa dos 28 Probos Tecelões de Rochdale, os produtores brasileiros pretenderam discutir a situação da economia ervateira face a política do Instituto Nacional do Mate.

Este Congresso foi realizado em Curitiba, em janeiro de 1945, com a participação de aproximadamente três mil produtores associados das Cooperativas ervateiras dos Estados do Paraná e Santa Catarina, território de Ponta Porã, e delegados dos produtores do Rio Grande do Sul. O conclave foi patrocinado pelo Serviço da Economia Rural do Ministério da Agricultura e pela Comissão de Organização Cooperativa dos Produtores do Mate.

Após um relato crítico da situação, os Anais apresentam as principais proposições, como: isenções de impostos, reduções de taxas, exigências de funcionamento da Caixa de Crédito Cooperativo, criada pelo Art. 104 da Lei das Cooperativas, racionalização de produção, melhoria de preços, etc. 33

Na ata da sessão de instalação do Congresso consta a observação feita sobre a autarquia, que apesar de ter sido criada pela "clarividência do Dr. Getúlio Vargas com a finalidade precípua de proteger e amparar o produtor mas, não obstante, a indústria de beneficiamento do Mate foi a principal a ser beneficiada pelo Instituto, que legou os problemas do produtor a planos secundários. 34

A inoperância do Instituto Nacional do Mate, apesar dos numerosos planos, parece ter origem nas suas próprias estruturas, segundo autores e articulistas ligados ao problema ervateiro. O sistema de autarquia exigia uma complexidade de setores que usufruía verba altíssima para sua manutenção. Seria, portanto, um paradoxo que um órgão dispendioso representasse uma economia depauperada.

As contribuições pagas ao Instituto Nacional do Mate eram constantemente aumentadas, a fim de enfrentar as despesas burocráticas de autarquia. Várias vezes o Instituto Nacional do Mate teve que fazer empréstimos junto ao Banco do Brasil para atender obrigações de salários dos seus servidores. A Lei determinava um limite de 25 % para despesas com o pessoal, e em 1942 o Instituto Nacional do Mate dispendia cerca de 70% com funcionários. 35

Sem ter podido racionalizar a produção, fixar o ervateiro (re-

giões tradicionais como São Mateus, Teixeira Soares e outras sofreram decréscimos na população), expandir os mercados, o Instituto Nacional do Mate não conseguiu também valorizar o produto que, para sobreviver no mercado externo, foi englobado no critério de SUMOC na década de 1950, que adotava o artifício cambial, isto é, o subvencionamento, "às exportações com o produto dos ágios obtidos nas licitações de câmbio para as importações" 36

O Instituto Nacional do Mate não conseguiu reestruturar a economia ervateira inclusive no aspecto técnico, que seria uma forma de enfrentar a concorrência argentina e também uruguaia.

Na década de 1940, a Argentina deixou definitivamente de importar erva beneficiada do Brasil, passando a adquirir somente o mate bruto para o seu próprio parque moageiro. O Uruguai agiu de maneira semelhante, uma vez que vários industriais uruguaia foram instalar-se no Paraguai com moeda desvalorizada, e para favorecer esta nova fórmula, o Uruguai baixou em 50 % a sua taxa de importação. 37

Na década de 1950, o PLADEP, órgão de assessoria técnica do governo paranaense promoveu um inquérito a respeito do Instituto Nacional do Mate e caracterizou a necessidade de ampla reforma, pois suas atividades foram consideradas insuficientes na solução dos problemas ervateiros. 38

Não entrando em consonância com o cooperativismo, passou o Instituto a ser considerado por elementos ligados às cooperativas, como instrumento de reação dos industriais contra os produtores. Os componentes da autarquia, quase sempre representantes da burguesia industrial tradicional originada da expansão ervateira desde o século XIX, estendiam sua influência ao setor político, não permitindo ao Instituto, o cumprimento de suas funções.

Todos os problemas enfocados provocaram, portanto, a extinção do Instituto Nacional do Mate, sancionada pelo Governo Castelo Branco em 28 de fevereiro de 1967, em Decreto-Lei de nº 28, que seguia, inclusive, uma nova orientação política de acabar com quase todos os Institutos existentes, permanecendo apenas o Instituto Brasileiro do Café, pela sua importância para a economia nacional, e o Instituto do Açúcar e do Alcool, para atender os problemas concernentes ao Nordeste brasileiro.

NOTAS DE RODAPÉ

1 — MOURA Valdiki. *Diretrizes cooperativistas*; notas e comentários. São Paulo, Brasiliense, 1946' 348 p. p. 303.

2 — HOLYDAKE, G. J. *Os 28 tecelões de Rochdale*; história dos probos pioneiros de Rochdale. Trad. por Archimedes Taborda. Rio de Janeiro, F. Alves. 1933. 125 p. p. 11 - 23.

3 — BOGARDUS, Emry S. *Princípios de cooperação* Rio de Janeiro, Lidador, 1964. 91 p. p. 22.

4 — PADILHA, Dráurio Leme. *Sociedades cooperativas*; organização, contabilidade e legislação. São Paulo, Atlas, 1966. 285 p. p. 6 - 7.

5 — CASTRO CALDAS, Eugenio. *Formas de exploração da propriedade rústica*. Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1947. 365 p. p. 125.

- 6 — MOURA. p. 303.
- 7 — BRASIL, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório apresentado ao Dr. Geminiano de Lyra Castro. Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, por Arthur Torres Filho, Diretor do Serviço de Inspeção e Fomento Agrícola, 1927-1928*. Rio de Janeiro, H. Ribeiro, 1929. p. 368.
- 8 — PADILHA, p. 10.
- 9 — Ibid., p. 8.
- 10 — Ibid., p. 8 - 9.
- 11 — Ibid., p. 10.
- 12 — DEELEN, G. J. *Diocese de Ponta Grossa dentro do contexto do Estado do Paraná e do resto do país*. s. n. t. mimeogr. 405 p,p. 168.
- 13 — COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO MATE. *Relatório*; 1943. s. n. t. 45 p. p. 3 - 4.
- 14 — Ibid., p. 5 - 6.
- 15 — CONGRESSO COOPERATIVO DOS ERVATEIROS DO BRASIL, 1. Curitiba, 1945. *Anais*. s. n. t. 116 p. p. 9.
- 16 — BACILLA, Antonio. *O drama da erva mate*. Curitiba, Guaira, s. d. 231 p, p. 140.
- 17 — COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO MATE. *Relatório...* p. 7.
- 18 — Ibid. p. 10.
- 19 — Ibid., p. 17 - 18.
- 20 — Ibid., p. 13.
- 21 — COOPERATIVA AGRO-MATE. *Circular*, 1968 s.n.t.
- 22 — CAMARGO, *Mensagem presidencial, 1928-1929, à Assembléia Legislativa do Estado*. s. n. t. p. 43 - 44.
- 23 — CONGRESSO COOPERATIVO DOS ERVATEIROS DO BRASIL. *Anais*. p. 10.
- 24 — COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO MATE. *Relatório...* p. 8.
- 25 — FINANCIAMENTO aos produtores. *Boletim do Instituto Nacional do Mate*, Rio de Janeiro 1 (1): 34, jul. 1940.
- 26 — Ibid.
- 27 — CONGRESSO COOPERATIVO DOS ERVATEIROS DO BRASIL. *Anais*. p. 11.
- 28 — A SECÇÃO de pesquisas. *Boletim do Instituto Nacional do Mate*, Rio de Janeiro, 1 (2): 100. dez. 1940..
- 29 — EXPORTAÇÃO *Boletim informativo das Divisões da Defesa da Produção e Controle do Mercado*, Rio de Janeiro (1): 10. jul, 1939.
- 30 — CENTROS dos exportadores de erva mate. *Boletim Informativo das Divisões de Defesa da Produção e Controle do Mercado*, Rio de Janeiro, (1); 13, jul. 1939.
- 31 — Ibid., p. 15.

32 — ARGENTINA e Brasil; numa propaganda comum, *Boletim do Instituto Nacional do Mate*, Rio de Janeiro, 1 (1); 53, jul. 1940.

33 — CONGRESSO COOPERATIVO DOS ERVATEIROS DQ BRASIL; *Anais* p. 2. - 40.

34 — Ibid., p. 47.

35 — COSTA, p. 7.

36 — Ibid., p. 11.

37 — Ibid., p. 15.

38 — CAMPANHA NACIONAL DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. *Estudos de desenvolvimento regional*: Paraná. Rio de Janeiro, 1959. 126 p. p. 79. (Série Levantamentos e Análises, 15).

RESSALVA

Em o número anterior, ao publicarmos o movimento da Biblioteca Municipal “Dr. Fritz Müller” e o movimento do Museu da Família Colonial durante o ano de 1975, cometemos um lamentável lapso; é que ao invés de publicarmos o movimento havido em 1975, o fizemos do ano de 1974.

Retificando agora o equívoco, damos a seguir, o movimento do ano de 1975:

RESUMO DO MOVIMENTO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL “DR. FRITZ MÜLLER” REFERENTE AO ANO DE 1975

Número de obras registradas e fichadas	- - - - -	1.873
Número de obras consultadas	- - - - -	25.179
Número de volumes emprestados	- - - - -	10.824
Número de obras adquiridas	- - - - -	1.874
Livros recebidos em doação	- - - - -	2.641
Importância paga pelas obras adquiridas	- -	Cr\$ 54.507,20

MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL

Durante o ano de 1975, teve o seguinte movimento:

125 excursões com 3.575 participantes

20 escolas com 863 alunos

6.661 visitantes de várias partes do Brasil e do exterior

A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

O velho Campano, naquela manhã rutilante, em que o sol punha beijos nos lábios purpúreos da aurora, olhava embevecido os pinheirais que se delineavam no horizonte. Ele os fitava com o interesse de quem quisesse beber-lhes a alma na mais longínqua umbela a perder-se na vastidão. Grossos pinheiros de um a um e meio metros de diâmetro. Pinheiros delgados, esguios. Pinheiros com dois ou três rebentos a enfeitar-lhes o tronco coroado de várias umbelas.

Campano olhava saudoso aquela mata que ele conhecia. Mata que percorrera em sua juventude. Organizara caçadas aos veados, antas, porcos do mato e sabia contar estórias de caçadas, um pouco exageradas às vezes, como é do feitio dos caçadores.

Contava que um colega seu vinha montado num burro por aquele mundão de Deus, quando um zuação se fez ouvir na floresta e foi chegando cada vez mais perto, o ruído aumentando, taquaras rachando, arbustos quebrando, cipós arrebrandando, parecia um satanás solto no mato. De repente, pulou na estrada uma anta. Não teve dúvidas, saltou do burro e montou na anta e chegou-lhe as esporas. A bicha correu em direção ao rio. Ao chegar à margem atirou-se n'água enquanto o improvisado cavaleiro de antas saiu fora, veio pelo trilho, montou no burro e foi para casa.

No outro dia foi até o poço onde a anta se atirara e verificou que estava morta.

— Morta? perguntou alguém.

— Craro! Eu a matei a força di ispora. Qui é qui há, sô?

— Huuum!... fizeram os que ouviam e engoliram mais aquela.

Reconhecia ao longe aquela imbuía — aquele cedro — Sabia onde se encontravam os melhores ervais.

Sobre o estendal verde, sob o céu de claro azul, um bando de papagaios banhados no ouro líquido do sol nascente, pareciam peças de ouro cruzando o céu de inverno, gargalhando em busca de alimento. Por momentos o velho observou o vôo certo das aves chalradoras. Voltando a vista sobre a vastidão da mata borrifada pelo orvalho da manhã, duas lágrimas vieram juntar-se às gotas de orvalho, pingentes cristalinos que desciam das árvores copadas. Elas, após rolares pelas brancas barbas do velho perderam-se na touça de capim mimoso que crescia a seus pés.

Marcos levantara cedo, acabara o serviço nos currais naquela gostosa manhã de domingo. Vendo o velho sentado sobre um toro de madeira semi-apodrecido e sabendo que gostava de dois dedos de prosa, caminhou em direção ao tronco caído e chegou a tempo de ver as lágrimas debulharem dos olhos do ancião.

Marcos acercando-se dele, inquiriu :

Por que chora o amigo? Alguém lhe fez mal? e foi sentando-se ao lado do homem já um pouco curvo pela idade. Que é que o põe triste?

O velho ao que parece devia ter tido algum estudo, pois disse mais ou menos isto:

“É que antevejo um triste futuro para todo este panorama. Tudo será sacrificado pelo machado. Estas araucárias que se erguem quais gigantescas velas, este cenário maravilhoso, que é que o espera? Esperam-no engenhos diabólicos que as farão em tábuas, em pranchas, em vigas, esteios e por fim como remate, em móveis e esquadrias. A imbuia, o cedro, o pinheiro são hoje os gigantes desta flora vivaz e amanhã desaparecendo de nossas matas embelezarão as salas dos ricos, os salões, os clubes, etc... De toda essa beleza alpestre nada mais sobrarão que ruína e destroços. “Nós de pinho” ficarão a atestar o fim trágico dessa viçosa floresta. E o que os engenhos, as serras, os machados não destruírem, perecerá à custa do fogo.

Marcos meneou a cabeça, mas encorajou o velho.

— Deixemos os pensamentos pessimistas. Ninguém morre sem chegar a hora. É lei da vida. Os pinheiros devem cair. Toda vida é tecida de mil mortes. Quantos animais devem morrer para sustentar um só homem. E quantos morreram sem proveito algum. Quantas vezes ainda maltratados, torturados. Manadas perecem, causando prejuízos ao homem apenas para ensiná-lo a sofrer. Se assim é no reino animal, que dirá no reino vegetal. Quantas árvores sacrificadas pelo puro prazer de vê-las cair. Riquezas que hoje apodrecem e que mais tarde nossos filhos chorarão. Quantas vezes o fogo destrói os pinheirais sem que deles nada mais se aproveita, nem mesmo a lenha, uma vez que o pinheiro já é um péssimo combustível. O pinheiro, queimado, fica de pé, qual um gigantesco mártir à espera da queda dos galhos denegridos pelo fogo inexorável, até que atacado pela podridão e sob o efeito dos pica-paus à procura de lagartas criadas na polpa da madeira. Finalmente desmorona sobre si mesmo. Por muitos anos ainda permanece de pé o cerne que resiste à inclemências do tempo, às investidas dos vendavais.

— Que se derrube quando precisa, vá lá! Abater pelo prazer de ver cair não se concebe. Destruir esse conjunto de corolas é o cúmulo. Cada pinheiro que cai é como uma lasca que se me tira da alma. Quando nasci, cá estavam eles. Durante séculos cresceram robustos, vigorosos, alimentando gralhas e papagaios, porcos do mato, sei lá! Agora aí estão votados ao machado num desperdício cruel. À sombra deles nasci e com eles morrerei, pois como o gênio da floresta eu choro a extinção das araucárias.

— O amigo desculpe, mas não penso assim, disse Marcos. O homem é senhor de tudo. Tudo foi posto ao seu dispor. Dó que existe ele se utiliza e o que não existe em abundância, ele cultiva e colhe conforme lhe aprouver. Nada lhe resiste. Até domou o fogo. Fez o vapor mover máquinas. Vai de encontro a um futuro grandioso.

Campano limitou-se a balançar a cabeça e olhar tristemente para o pinheiral cerrado da encosta. Sua mente não abrangia a destruição desse cabedal de riqueza.

Elisa não vendo o pai em casa, procurou-o pelos cantos e encontrou-o conversando com o velho Campano. Saiu com a cuia e a chaleira de água fervente em sua direção. Trajava saia azul clara de cuja orla saíam lindos pezinhos metidos em grosseiros tamancos

— Já te esperava, minha boneca, disse Marcos sorrindo.

Um fulgor perpassou fugaz pelos olhos do velho. Tivera também uma linda filha.

Um dia passara um bando de jagunços. O chefe do bando entrara, enquanto a malta cercava a casa. O assassino após breve luta amarrara a jovem, içara-a sobre a sela e partira a galope. Ao vir em socorro dela fora apanhado pelos capangas e amarrado a um tronco com tanta brutalidade que desmaiou. Era ao cair da tarde. Um vento rijo levava de volta os gritos da infeliz. Ao passar junto da fonte onde a mãe fora buscar água, pediu socorro. A mãe suplicou ao bandido que lhe devolvesse a única filha. Em resposta o miserável sacou da arma e desfechou-lhe um tiro na testa. A mulher que vinha subindo a ladeira da fonte, caiu de bruços, morta.

Logo depois, o filho que andava à caça retornou. Vendo a rebardaria, os sinais de luta, procurou o pai e foi encontrá-lo brutalmente amarrado ao tronco. Cortou rapidamente as cordas e partiu em busca da mãe. O pai reanimando-se seguiu também e foi achar a mulher no estado em que já sabemos. Removeu o cadáver que esfriava na brisa da tarde. Olhou-lhe o rosto desfigurado o furo da bala na fronte. Lambuzando as mãos no sangue que escorria da ferida, jurou vingança.

— Esta ficas me devendo, cão do inferno, não descansarei enquanto teu corpo de bandido não for pasto dos vermes. Canalha!

Deixando o cadáver à mercê do pai, correu em busca da irmã. Calculou que o desgraçado não teria ido muito longe. Estava certo no seu raciocínio. Nutria esperanças de encontrá-la com vida. Totônio Campano idolatrava a irmã. Por ela passaria pelo fogo. Agora ao cair da noite, sedento de vingança avançava pela estrada do sertão. Chegando à beira de um sombreado espesso, por instinto parou. Parecia-lhe ter ouvido um gemido, que teria passado despercebido a outro que não ele, cego de raiva mas de ouvido alerta. O que cismara era realidade, fora este o sitio escolhido pelo bandido para trucidar sem piedade sua irmã Lucimar. Aproximou-se, pé ante pé, sem ruído. Podia ir sem medo, pois o malvado já dera o fora. Uma brisa fresca brincava nas folhas das taquaras. Súbito um fraco gemido, mais perceptível, porque mais próximo chegou-lhe aos ouvidos. Tinha certeza agora de encontrar-se no local exato. Adiantou-se mais. Com o dedo no gatilho, abriu a trama das taquaras. Viu então que o bandido entrara pelo outro lado. Lucimar jazia numa poça de sangue. Os dedos mutilados sem os anéis. As orelhas cortadas sem os brincos. Os seios aparados e retalhados. Lucimar nas vascas da agonia apenas levemente levantou a mão, deixando a cair, talvez num último adeus, entregou sua alma ao Criador. Totônio ou Antonico como também o chamavam recolheu-lhe o último suspiro. No seu desespero tomou o sangue da irmã e erguendo-o para o céu jurou que Tião Bento não escaparia de sua arma. Depois com os olhos esbugalhados ficou a olhar aquela que o

recebia com um sorriso, que desde pequena se afeiçoara a ele e o servia quando voltava da caça, alegrando-se com as narrativas de suas façanhas. Nunca mais o receberia. A mãe e a irmã num só dia...

— Meu Deus, porque não cheguei um tempo antes. Talvez morresse mas teria mandado aquele cão danado para o inferno. Desta não escapas. Não perdes por esperar. Teus capangas vão primeiro preparar tua cama no inferno. Filho do tihoso! Por algum tempo ficou nessas lúgubres cismas de vingança, depois contemplou o corpo da irmã no lusco fusco. Cobriu-lhe a ferida enorme com folhas de taquara e foi buscar o pai que já chamara os vizinhos e vinham ao seu encontro.

Como se ela ainda pudesse sentir, Antonico teve todos os cuidados com o cadáver de sua estremecida irmã. Os amigos reconhecendo-lhe a dor, auxiliaram-no em silêncio e dentro da noite que descera de todo trouxeram o cadáver e o colocaram numa essa improvisada junto a sua infeliz mãe. Velaram os cadáveres e envolvendo-os em mantas, conforme o costume da época sepultaram-nos no dia seguinte. A tristeza desceu sobre a casa de Campano. Antonico abandonou a caça e começou a negociar com cavalos. Deste modo andando por aí teria de encontrar-se com o famigerado Tião Bento. Desde aquela tarde nunca mais alguém o viu rir.

Os vizinhos, no entanto, comentavam a boa sorte de Campano por não terem os bandidos incendiado a casa. Muitos infelizes, além de terem os entes assassinados ainda tinham que ver os poucos bens e a casa arder. Esses corações empedernidos não conheciam piedade.

Depois fixou residência nas imediações de Bela Vista do Toldo.

Marcos conhecia a história e respeitava a dor do velho Campano, que permanecera agora num silêncio como a recordar novamente toda a tragédia.

Entrementes Elisa que escutara a terrível história punha água quente sobre a erva da cuiá que recebera das mãos de Campano e chuchou ela mesma o gostoso "amargo" como lhe chamava Paulo Setúbal. Passou depois a cuiá servida ao pai e tornou a casa, onde a mãe a esperava. O dia estava límpido. Nenhuma nuvem empanava o azul do céu. O astro-rei ascendia num mar de luz. Tudo tão transparente, tão diáfano. Marcos acompanhara o trajeto da filha até a casa.

— Vai casar? indagou o velho, recebendo agora a cuiá da mão de Marcos.

— Não senhor, não. Faz pouco tempo que seu pretendente caiu sob a bala de um jagunço. O velho fez um muchocho e fitando Marcos interrogativamente, falou:

— O trabalho desses canalhas é mandar almas para o outro mundo. Meu filho anda à cata de Tião Bento. Juro. não escapará a sua vingança.

— A vingança é mau remédio, redarguiu Marcos.

(Continua no próximo número)

CAIXA POSTAL

Professora MARISA CORREIA DE OLIVEIRA — Curitiba - PR
— Seu artigo foi recebido e publicamos neste número. Somos gratos.

CARLOS GAERTNER SOBRINHO — Rio das Antas - SC
— Agradecemos o envio de sua colaboração que já foi publicada, com muito prazer, no número anterior a este. No poço deve haver ainda muita água pura e cristalina. Estique mais a corda.

ROSEMARI POZZI EDUARDO GRIGGS — Londres - Inglaterra
— Sua colaboração terminou com o número de janeiro de 1976. Lastimamos tê-la publicado em partes. Nosso desejo seria publicar de uma só vez, o que não nos foi possível, devido o limitado número de páginas.

ALFREDO BOOS — Balneário de Camboriú - SC
— Recebemos sua grata missiva. Número atrasado e livro solicitado, já foram despachados seu endereço.

Frei AURÉLIO STULZER — Guaratinguetá - SP
— Recebemos "Vozes" seu envio. Oportunamente aproveitaremos excelente colaboração. Gratos.

Dr. GILBERTO EMÍLIO CHAUDON — Rio de Janeiro - RJ
— Recebemos sua grata missiva de 21 de janeiro último. Números solicitados já foram remetidos, inclusive "Charles van Lede e a Colonização Belga". Gratos pelas elogiosas referências nosso trabalho e pela remessa do Boletim sobre Arqueologia; Noticiário sobre o Congresso já foi remetido.

A. SEIXAS NETTO — Florianópolis - SC
— Recebemos e agradecemos sua colaboração.

WILHELM J. FRANKE — São Paulo - SP
— Aguardaremos seu novo endereço.

MARINO POLTRONIERI — Curitiba - PR
— Números solicitados acham-se esgotados. Temos à venda "HISTÓRIA DE RIO DOS CEDROS" a Cr\$ 30,00 o exemplar.

Movimento do Museu da Família Colonial Durante o mês de janeiro de 1976

Visitantes	- - - - -	1.805
Cartões Postais Vendidos	- - - -	1.009
Foto Lembranças de Blumenau	- -	50
Mini Sanfonas	- - - - -	8
Livros e Folhetos Vendidos	- - -	63
35 Excursões com 1.027 Participantes		

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

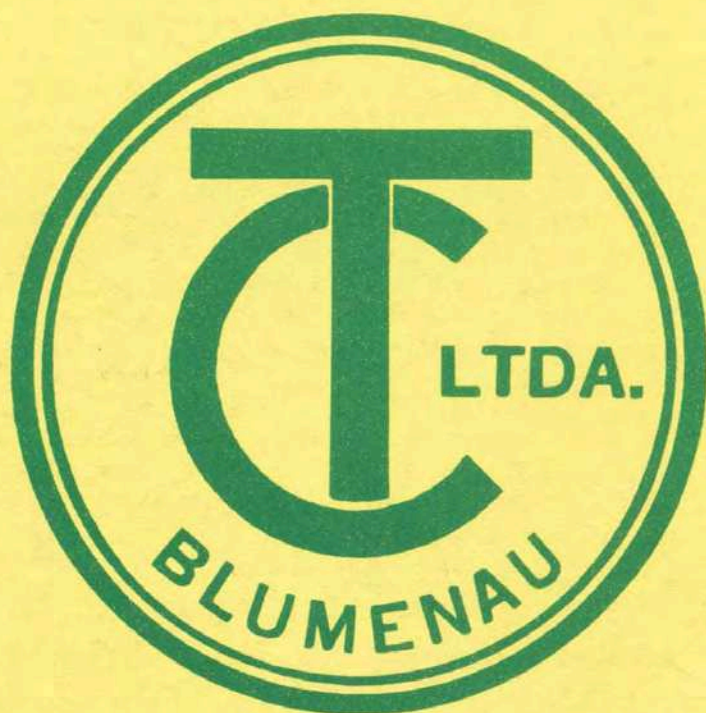
Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A LIVRARIA DE SEU FILHO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1422/24 - FONE 22-2627 - C.P. 651

INDÚSTRIA - RUA AMAZONAS, 1505/31 - FONE 22-3627 - GARCIA

BLUMENAU - STA. CATARINA